

Stadium

20-357A
A "defesa" dos estudantes, no encontro Sporting-Académica, desenvolveu um trabalho exaustivo e fatigante, dados os ataques, repetidos e impetuosos, da "linha avançada leonina. Na fase, bela e movimentada, que apresentamos, Braz, da Académica, corta, de cabeça, um ataque do adversário. Peyroteo ataca, e Branco também defende. Szabo vigia, nas balizas



N.º 213

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

1 DE JANEIRO DE 1947

Sporting e Porto não largam a cabeça

Cada jornada os encontros tornam-se mais difíceis e equilibrados...

Crónica de TAVARES DA SILVA



A jornada com número cinco cumpriu o seu dever. Não se registaram surpresas. Antes um dia de bonança — relativa. Resultados de equilíbrio, traduzindo luta acesa e animada, e só um de desnível, no Lumiar A, Sporting-Académica. A vitória dos leões vem mais uma vez justificar que jogo — é jogo. Quem havia de dizer que, com o guarda-redes magoado (fractura de uma costela em choque casual com Bentes, como nos referiu o próprio Azevedo), o Sporting enfiaria tantas goals nas redes de Szabo? Pois é uma verdade. E o score não causa admiração a quem viu o jogo. Os estudantes estiveram irrecognhecíveis. Eles próprios o confessam.

É indiscutível, porém, que os concorrentes menos categorizados ganham qualidade à medida que o torneio decorre. Todas as deslocacões vão sendo cada vez mais difíceis!

O caso do Benfica é um exemplo! O Sanjoanense está a crescer, e da vítima que era no torneio transforma-se num concorrente capaz de tornar a vida difícil ao mais pintado, pelo menos, no seu campo. É de destacar o comportamento do Olhanense, que venceu com brilho apesar de desfalecido de uma unidade importante (João da Palma).

Todos os clubes lisboetas venceram! Todavia, é de destacar a dificuldade do Belenenses e Atlético nos seus campos. Também o Porto se viu em sérios embargos, no Lima, contra Guimarães. Não será isto sinal de progresso por parte dos candidatos considerados mais fracos?

Na quinta jornada apuraram-se os seguintes resultados:

Sporting... 9 — Académica.. 1
Belenenses.. 2 — Elvas..... 1
Atlético.... 1 — Vitória S... 0
Famalicão... 2 — Boavista... 2
Sanjoanense 2 — Benfica..... 4
Olhanense... 4 — Estoril..... 2
Porto..... 3 — Vitória G... 2

Marcaram-se ao todo 35 bolas, e só o Vitória de Setúbal não acertou nas redes. O Sporting conquistou o título de melhor rematador da Jornada. É a sua linha da frente a ditar o jogo. Apenas não foi batida a defesa do Atlético!

A classificação geral encontra-se ordenada do seguinte modo: Sporting, 4 vitórias e uma derrota, 30-12 em bolas, 8 pontos; Porto, 4 vitórias e 1 derrota, 12-8, 8; Benfica, 3 vitórias e 2 derrotas, 18-14, 6; Olhanense, 3 vitórias e 2 derrotas, 11-10, 6; Boavista, 2 vitórias, 1 empate e 2 derrotas, 11-7, 5; Vitória de Setúbal, 2 vitórias, 1 empate e 1 derrota, 8-5, 5; Belenenses, 2 vitórias, 1 empate e 1 derrota, 5-6, 5; Atlético, 2 vitórias, 1 em-

pate e 1 derrota, 9-12, 5; Famalicão, 2 vitórias, 1 empate, 2 derrotas, 15-18, 5; Académica, 2 vitórias, 1 empate e 2 derrotas, 8-16, 5; Estoril, 2 vitórias e 3 derrotas, 15-11, 4; Elvas, 2 vitórias e 3 derrotas, 15-12, 4; Vitória de Guimarães, 1 vitória, 1 empate e 3 derrotas, 7-15, 3; Sanjoanense, 1 empate e 4 derrotas, 5-23 em bolas, 1 ponto.

Não permite a presente tabela uma indicação segura acerca do favorito. Mas já permite dizer-se o seguinte: — Que o Sporting, o mais qualificado de Lisboa, mostra um team de poder e eficácia; — que o Benfica progride, em termos de se afirmar a velha luta; — que o Porto está a dar luta séria, igualando-se ou suplantando quase todos os concorrentes; — e que o Algarve — uma indicação! — mantém a cabeça dos representantes da Província. A competição dará ainda muitas voltas, pois os trabalhos levantam-se debaixo dos pés — e, quando menos se espera, surge a surpresa. As indicações já são, no entanto, valiosas. Cinco provas constituem um bom exame.

O Sporting funcionou bem!



FUNCIONOU bem o Sporting! E de tal modo, que nem a falta do grande Azevedo lhe tirou a coesão. Veríssimo tomou o lugar das redes, Travassos recuou

para médio, e o jogo continuou a desenvolver-se com método e regularidade. Porque todos os leões souberam colocar-se, e porque os estudantes perderam o fio e o rumo, houve a sensação de que estavam no terreno mais jogadores do Sporting... Além de tudo, a linha atacante de Lisboa mostrou-se terrivelmente marteladora... Os goals eram feitos com a facilidade que resulta da boa ligação e da rapidez de movimentos.

Os estudantes fizeram uma exibição de incapacidade ou de falta de saber. Pode dizer-se isto — quando se fica com boa impressão de conjuntos, apesar de tudo. A verdade é só uma: o grupo da Academia está integrado de bons valores. Rapazes novos e ágeis; generosos na luta. Mas um team só consegue impor-se quando se treina a sério, e na medida em que os seus valores conhecem a tarefa que se lhes destina. Um jogador de qualidade dá a impressão de perdido, desde que não saiba o que anda a fazer.

Os leões venceram — pela rapidez das suas triangulações. A bola voava de pés para pés, tornando improficuas as tentativas de Coim-

bra. Como a defesa académica consentiu o desenvolvimento do jogo em frente das suas bilizas, Szabo sofreu desgostos. Não negamos a sua má tarde. Mas não há guarda-redes que defenda — sem protecção. E o rapaz não esteve protegido. Antes exposto ao martelar de dianteiros que sabem e gostam de chutar.

O leões voltaram ao jogo de posição antigo. Há males que vêm por bem. Parece-nos que o team funcionou muito melhor.

Sporting — Azevedo, Cardoso, Marques, Canário, Veríssimo, Juvenal, Jesus Correia, Armando, Peyroteo, Travassos e Albano.

Académica — Szabo, António Maria, Reis, Eduardo Santos, Branco, Brás, Melo, Azeredo, Jorge Santos, Leite e Bentes.

Árbitro — J. Trindade, de Setúbal.

O Belenenses em frente do Elvas



A clubes que, por motivos inexplicáveis, têm noutros os seus piores adversários. É o caso do Belenenses em frente do Elvas. O grupo lisboeta estava a domi-

nar, mas no fundo e ao cabo não marca bolas. Os elvenses organizam-se na defesa, e fazem a vida dura ao adversário das Salésias.

O Belenenses jogou boa parcela de tempo no campo do antagonista. Mas não abriu o jogo, encontrando sempre dificuldades em colocar o remate de morte. Culpa dos interiores, em retardos de bola, e um pouco de todos os dianteiros (excepção para o sempre jovem Rafael!), sem audácia e atrevimento.

A verdade é que o intervalo chegou com um empate, e Quaresma marcou, primorosamente, no segundo tempo, a bola da vitória, aos dezassete minutos. Sabê-se o que, nestas circunstâncias, sucede a uma equipa que tem o triunfo por um fio... Ela vê, em todos os momentos, a possibilidade do adversário empatar...

Verdade seja, o Elvas defendeu-se muitíssimo bem e com vulgar coragem, não perdendo o rumo do ataque. Alguns dos seus avanços, mais individuais do que de conjunto, respiraram força.

Belenenses — Capela, Moura, Feliciano, Rodrigues, Gomes, Serafim, Mário Coelho, Elói, Andrade, Quaresma e Rafael.

Elvas — Semedo, Henriques, Mendes, Rebelo, Toninho, Oliveira, Vergílio, Massano, Patalino, Aleixo e Rosário.

Árbitro — Evaristo Santos, de Setúbal.

Atlético venceu Setúbal



desafio da jornada de menos goals não deixou de ser muito curioso. Qualquer dos grupos, tanto o Atlético como o Vitória de Setúbal,

lutou com denodo, num esforço gigantesco. Os jogadores, vencedores e vencidos, puseram em campo todas as suas energias.

Pode dizer-se, no entanto, que as linhas avançadas não renderam, em remates, o que seria de esperar — dado o futebol realizado. Vários ataques desenvolveram-se em bom estilo, numa sequência de lances de triangulação excelentemente urdidos. O Atlético, por ter dominado no capítulo territorial, pareceu mais culpado. O remate dos seus jogadores nunca partiu no bom momento: houve sempre um compasso de espera no dar do pontapé. Resultado: o defesa chegava a tempo de parar o golpe.

Em contraste, os sectores defensivos portaram-se muitíssimo bem, num e noutro lado. Bem colocados e sempre atentos, não só aliviaram o seu campo como provocaram ataques, lançando os elementos melhor colocados. Por não ter sido um jogo de uma só equipa, mas sim com perguntas e respostas, o encontro da Tapadinha sobressaiu. As equipas mostraram capacidade.

Atlético: Correia, Baptista, Castro, Franco, José Lopes, Moraes, Manuel da Costa, Armando, Amaral, Gregório e Marques.

Vitória de Setúbal: Baptista, Pereira, Montês, Pina, Pacheco, Figueiredo, Passos, Nunes, Cardoso Pereira, Rendas e Borges.

Árbitro: Contente de Sousa, de Santarém.

A reacção do Famalicão



M desafio sómente está ganho ao soar o apito último do juiz de campo! O Boavista portou-se muitobem noterreno de Freixo, onde alguns con-

correntes hão-de baquear... Os portuenses lançaram-se ao ataque, e souberam explorar as suas situações. Chegaram a 2-0, um penalty e um goal de combinação, verificando-se depois a admirável reacção dos famalicenses.

Todavia, não se julgue que houve domínio acentuado de qualquer dos teams. No balanço tem-se, pelo contrário, como expressão justa, futebol de equilíbrio. Todos os sectores dos antagonistas estiveram permanentemente em actividade: atacava um, defendia-se o outro; para logo este passar do ataque e aquele à defesa. É, no fundo, o traço característico dos encontros de forças iguais e score indeciso.

Deve por-se em relevo o feito de Famalicão. Batido por duas bolas — nem por isso desanimou. Impondo o seu jogo, chegou a 2-2 na segunda parte, e defendeu-se depois corajosamente. Caso curioso: de aí por diante — os boavistas foram mais perigosos. Mas a de-

fesa da casa nada deixou fazer-lhes.

Famalicão — Sansão, Climaco, Cerqueira, Armador, Szabo, Ferrão, Mendes, Pires, Alvaro Pereira, Tellechea e Adelino.

Boavista — Mota, Pereira, Ramos, Silva, Serafim, Raimundo, Zeca, Armando, Caiado II, Caiado I e Barros.

Árbitro — Adriano Gonçalves, de Coimbra.

Benfica venceu em S. João da Madeira



EM dúvida, os clubes de primeiro plano impressionam os candidatos mais modestos. O nome dos jogadores também influi na luta. Entretanto,

logo que, no decorrer de um pleito, o grupo mais fraco sente que tem possibilidades — as coisas mudam de rumo, ou tomam outra feição.

Francisco Ferreira, o excelente jogador português, não teve pejo em dizer-nos que a vitória do Benfica teve mérito — por não ter sido fácil.

Quer dizer, o Sanjoanense está a fazer carreira e a elevar-se, em relação ao torneio regional. Não nos admirando mesmo nada que um ou outro caia na bela povoação da região aveirense...

Nesta derrota com o Benfica — o jogo não esteve pelo seu lado. Houve goals com defesa e lances sem sorte, por parte do Sanjoanense. Deve dizer-se, contudo, que a defesa do Benfica tinha as portas bem cerradas. A sua organização defensiva está a dar óptimo resultado — enquanto não vem uma prova de categoria, a confirmar ou a rectificar. O ataque fez o suficiente para vencer.

É de pôr em realce a maneira decidida como os sanjoanenses atacaram, em dado momento — causando apreensões ao adversário.

Sanjoanense: Mota, Joaquim, Costa Leite, Santa Clara, Baptista, Carvalho, Pardo, Rocha, Santos, Azevedo e Milheiro.

Benfica: Martins, Ferreira, Teixeira, Jacinto, Moreira, Félix, Espírito Santo, Coronã, Vítor Baptista, Júlio e Rogério.

Árbitro: Abel Costa, do Porto.

Boa vitória dos algervios



ERSEGUIDO pôr uma série de fatalidades, não tem sido possível ao Olhanense apresentar os seus melhores valores. No domingo passado,

com a sua linha notavelmente melhorada, os algervios produziram uma primorosa exibição. — Isto é que é jogar!, dizia-se no intervalo. Na verdade, enquanto completo, o grupo comportou-se excelentemente, da defesa ao ataque, ligando sem atrições.

Com rapidez e desembaraço, os olhanenses desencadearam avanços, de trocas de lugar, desmarcações e triangulações, num somatório valioso. O Estoril — verdade seja — suportou a tem-

pestade, agarrado ao leme, e procurando resistir ao ímpeto avassalador...

Com a inutilização de João da Palma, que estava no comando do ataque, as coisas alteraram-se sensivelmente. O Estoril, ante a mutilação do adversário, lançou-se ao ataque com decisão, tentando o impossível para recuperar o perdido! Durante meia hora da segunda parte — o Estoril foi senhor do terreno.

Reagiu o Olhanense, abrindo o jogo para atacar, e, coisa curiosa, foi nesse período que os do Estoril marcaram as suas bolas. Isto é, já no fim.

Olhanense — Óscar, Rodrigues, Loulé, João dos Santos, Grazina, Acácio, Moreira, João da Palma, Cabrita, Salvador e Eminência.

Estoril — Sebastião, Pereira, Elói, Oliveira, Nunes, Alberto, Lima, Bravo, Osvaldo, Vieira e Raul Silva.

Árbitro — Cunha Pinto, de Setúbal.

O Porto e o seu bom remate

Ganha-se — fazendo goals! É esta verdade, tão antiga como o jogo, merece ser repetida muitas vezes, sempre que se fala de futebol. O Porto, neste seu encontro com o Vitória de Guimarães, mereceu pelo seu bom remate. Na verdade, Correia Dias e Araújo, principalmente este, são unidades terríveis em frente das balizas.

Os de Guimarães organizaram talvez mais perfeitamente o seu futebol de conjunto, mas faltou-lhes alguma coisa na hora da verdade. Jogaram com rapidez e combinação, mas não tiveram remate à altura da qualidade do seu futebol. Os portuenses, pelo contrário, ainda que com deficiências de conjunto, mostraram-se perigosíssimos na zona do remate; Araújo apiveou os seus tiros. Assim se apiece.

Porto — Barrigana, Francisco Guilhar, Joaquim, Romão, Carvalho, Lourenço, Araújo, Correia Dias, Serafim e Catolino.

Vitória de Guimarães — Machado, Curado, Garcia, João da Luz, José Maria, Luciano, Alexandre, Rebelo, Tarujo, Teixeira e Alcino.

Árbitro — Américo Mano, de Aveiro.

O «Almanaque dos Desportos»

Grande livro de 300 páginas ilustradas

Logo que seja possível será posto à venda este maravilhoso livro de 300 páginas ilustradas, cujo preço, popularíssimo dado o seu valor, é de 22\$50. Os agentes da nossa Revista podem remeter-nos as suas listas, contando-se por cada nome um exemplar vendido.

Damos já o nome de alguns desportistas que asseguraram o seu livro, não sendo possível indicar todos de uma só vez, por falta de espaço: José Maria Pereira Leite, Arco de Baulhe; Manuel Moura Pereira, Ranhados; Esmeraldo Jorge, Lisboa; Francisco Pereira Borrego, Leste II; António Antunes Martins, Alcanena (Monsanto); Manuel Barbosa Brito, V. N. Famalicão; José Justino Martins, Lisboa; Artur Ferreira da Silva, Outeiro da Lagôa, Sertão; António Fonseca, Coselhas, Coimbra; Fernando Cordeiro Gomes Froes, Coimbra; João Cardoso da Encarnação, Porto; Vítor Manuel Dominguez, Lisboa; António Guimarães de Miranda, Porto; Manuel Dias Ferreira, Vila Real; Lúcio de Almeida Ribeiro, Lisboa; Francisco Teodoro Gomes, Torres Vedras; Júlio Peix, Porto; Manuel Francisco Oliveira Feijão, Caldas da Rainha; Manuel Henrique Martins Ferreira Botelho, Vila Real; Júlio da Conceição Filipe, Caramujo; Fernando Lopes Xavier, Porto.

Leitores e amigos!

A todos desejamos um Novo Ano muito feliz

Stadium deseja a todos os seus leitores, anunciantes e amigos as maiores prosperidades no ano de 1947. Entramos no Novo Ano já na era de paz, signo da felicidade dos povos. Que as coisas más se atenuem, e que a amizade se intensifique — são os nossos desejos sinceros.

Recebemos cartões de «boas festas» das seguintes entidades: Comité Olímpico Português; Federações Portuguesas de Futebol, Pelinagem e Remo; Associação de Futebol de Lisboa, Associação de Futebol de Viseu, Associação de Futebol de Beja, Associação de Futebol de Évora, Associação de Natação do Funchal e Associação de Andebol de Lisboa; Sport Lisboa e Benfica, Sporting Clube de Portugal, Associação Académica de Coimbra, Grupo Desportivo da Cuf, Lisboa Ginásio Clube, Sengelhos Desporto Clube, Mirantense Futebol Clube e o Grupo Desportivo de Casa H. Vauiller; Casa Arméis & Moren, Companhia de Seguros Ultramarina, Empresa de Sacos de Papel, Neogravura, Sociedade Revendedora de Papéis, Gestelner e Agência Nacional de Turismo da Suíça. Também os srs. dr. José Pontes, nosso amigo e presidente do Comité Olímpico Português, assim como Sven Bergman tiveram a gentileza de nos cumprimentar. A todos — os nossos agradecimentos e as melhores venturas.

NATAÇÃO

O «Grande Torneio do Natal» terminou com brilhantismo

A terceira e última jornada do «Grande Torneio do Natal» — disputada na última quinta-feira, na piscina «Eduarda Portugal» — foi fecho condigno da interessante competição.

As provas decorreram no mesmo «clima» de entusiasmo que já caracterizara as rondas anteriores e corridas houve que, quer pela animação de que se revestiram, quer, mesmo, pelos resultados técnicos que nelas se verificaram, merecem ser assinaladas pelo muito que contribuíram para o êxito infosofismável deste «Torneio do Natal» — iniciativa a todos os títulos louvável e que bom seria que ganhasse foros de tradição dentro do prestante e infatigável Sport Algés e Dafundo.

Aos elementos das categorias inferiores coube, como já havia sucedido nas jornadas anteriores, a melhor parcela de entusiasmo, inclusivamente no que respeita à simples comparação às provas. Os seniores estiveram um tanto desinteressados — inexplicavelmente.

Entre os «iniciados», Eurico Rocha Surgy voltou a evidenciar-se, desta vez nos 100 metros-bruços, que correu em 1 m. 29 s. E nos 200 metros, de igual estilo e para a mesma categoria, João Faria Bichinho mais uma vez patenteou as suas reais facultades, creditando-se em 3 m. 38 s. Mas para Jaime Ferreira Moniz, no entanto, dos melhores parábens da noite, pelo seu percurso nos 400 metros-livres, que, a despeito da temperatura um tanto baixa, percorreu em 6 m. 22 s.

O «principlante» Eduardo da Silva Cordeiro creditou-se de excelente marca nos 200 metros-costas (3 m. 10 s.), resultado que avulta quando o comparamos com o respectivo recorde — 3 m. 26 s.. Dino Mendonça — outro elemento prometedor — também correu em «tempo» inferior ao mínimo oficial: 3 m. 24,7 s.. Carlos Miguel Amaro, com 7 m. 45 s. nos 400 metros-livres, necessita de preparação aturada para poder vir a tirar bom rendimento das suas boas condições naturais.

Pereira Bastos, nos 200 metros-costas; Adriano Cabral Rodrigues, nos 100 metros-bruços e Artur Malheiro da Silva, nos 400 metros-livres, formaram o elenco que, entre os seniores, marcou superioridade mas cuja «forma» está, ainda, longe do seu melhor.

As meninas compareceram, também. E entre elas é justo salientar, pelas prometedoras facultades que revela, o nome de Maria Luísa Malheiro, doze anos cheios de vida, que uma preparação cuidada e um espírito dedicado podem levar muito longe. E mais uma vez a graciosa Luísa Malheiro foi ela própria, nos 200 metros-livres, que percorreu, muito bem, em 3 m. 35 s.

Regina Mendes e Otilia Raposo completaram o friso gentil.

O «Grande Torneio do Natal» acabou. Deixou, no entanto, uma impressão agradável, que bem merece ganhar raízes. E ganhá-las-á, por certo.

Abreu Torres

OS "INTERNACIONAIS" PORTUGUESES



BARRIGANA
Guarda-redes que se tem distinguido, ocupando as honras do Futebol Clube do Porto. É a primeira vez escolhida.

CAPELA
Guarda-redes do Belenenses, de grande valor, e candidato a Seleção Nacional. Uma carreira brilhante.

CARDOSO
Defesa direito do Sporting e jogador de grandes recursos. Sabedor e calmo. Já jogou internacionalmente.

A selecção suíça de futebol que defrontará a equipa portuguesa no próximo domingo no Estádio Nacional. Da esquerda para a direita: Amado, Tamini, Fatton, Guerne, Pasteur, Courtat, Eysiman, Taubur, Bickel, Ballabio e Steffen. Um excelente grupo de futebol.

Com o JOGO PORTUGAL-SUIÇA Principia a campanha internacional 1947

COMEÇA no próximo ano a campanha internacional de Portugal, em futebol. A excepção de 1928, ano em que disputámos sete desafios internacionais, é este o ano mais carregado para os portugueses. Em 1928, incluindo os Jogos Olímpicos, efectuaram-se encontros com a Argentina (0-0), a França (1-1), a Itália (4-1), a Espanha (2-2), a Jugoslávia (2-1), o Chile (4-2) e o Egipto (1-2).

Campanha brilhante, com uma única derrota, aliás inesperada, um triunfo retumbante, sobre a Itália, e um empate de larga repercussão, com a Argentina, que viria a ser finalista dos Jogos Olímpicos de Amsterdão.

Para 1947 estão previstos cinco desafios: Suíça, Espanha, França, Irlanda e Inglaterra. São cinco adversários de características diferentes uns dos outros. E adversários de extraordinária valia... A Suíça tem progredido, a Espanha caminha para retomar a forma de há anos, e o resultado do jogo Real Madrid-S. Lourenço de Almagro assim o indica; a França deu um grande passo em frente; a Irlanda dispõe de excelentes profissionais; a Inglaterra, apesar de todos os revezes que tem sofrido, teima em considerar-se a «Rainha do Futebol», e, na verdade, se em tática os britânicos já nada têm a ensinar, em técnica individual permanecem superiores. O que, é bem evidente, nem sempre serve...

Val ser tudo a tarefa dos nossos jogadores — e do seleccionador. E não sabemos se a campanha se limitará a aqueles desafios. Já ouvimos dizer que a F. P. F. projecta substituir o encontro com a Suíça, que não pode deslocar-se, por um jogo com a Dinamarca...

Não interessa, neste momento, se ha ou não exaêro. Sabe-se que não tarda o jogo com a Espanha. E, já, se nada houver em contrário — e tudo é possível... — no dia 26 deste mês! Temos de nos preparar afinadamente para, finalmente, se ganhar à Espanha. O seleccionador é o primeiro a considerar tal necessidade. Podemos confiar na extraordinária dedicação de Tavares da Silva pelo futebol como podemos confiar, também, nos rapazes que hão-de representar Portugal — no jogo que nunca vencemos! Sejam eles de Lisboa, — que dá o maior contingente para a selecção — sejam do Porto, onde há nomes a notar, sejam da provincia, onde há também valores a aproveitar. Ao fim e ao cabo são todos portugueses. E todos têm o mesmo, desejo: ganhar a «nuestros hermanos». Os únicos adversários que, em mais de uma dúzia de jogos, não souberam o que era a derrota frente aos portugueses — perante os quais «caíram» a Itália, a França, a Suíça, a Irlanda, a Bélgica, a Hungria...

A Suíça, já aqui o dissemos, está quase nas mesmas condições da Espanha. Em cinco desafios só lhe ganhámos um! Parece haver contra eles, o mesmo «complexo de inferioridade» que caracteriza os desafios com os vizinhos espanhóis...

Conhecem-se já os nomes dos jogadores suíços. Vêm a Portugal dezassete. E entre eles o guarda-redes Ballabio, «o homem das mãos de ferro» — antigo polcia e, portanto, deixem passar a gracinha, uma «autoridade» no jogo... —, o magnífico avançado centro Amado, ácerca de quem um jornalista francês escreveu que «era um dos melhores avançados da Europa»; o gigantesco e loiro defesa Steffen, que se deslocará expressamente de Londres — e o expressamente está bom porque deve fazer a viagem de... avião! — onde joga no famoso Chelsea, a equipa de Lawton e de Walker; os médios Bosquet e Courtat, que jogaram contra nós na Basileia; os avançados Bickel, Fink e Falton, que estiveram na linha dianteira da Suíça contra a Inglaterra e a Escócia, em Maio de 1946, etc.

Para defrontar este perigoso adversário — perigo porque é forte e vem da terra do «leirer»... — o seleccionador formou a equipa portuguesa com: Azevedo; Cardoso, Feliciano e Francisco Ferreira; Amaro e Moreira; Araújo e Travassos; Rogério, Peyroteo e Albano. Azevedo será substituído.

A equipa, como se compreende pela forma como dispusemos os nomes, «à francesa», jogará com o sistema de marcação mais vulgarizado no nosso país: um defesa a marcar um extremo, outro a marcar o avançado centro, e um médio, recuado, um «arrière centrado» como dizem os franceses a marcar o outro extremo.

Não importa o sistema, que já todos conhecem de cor e salteado. O que importa é que, cada um, desempenhe o seu papel como lhe será destinado. Que se aplique, de modo que Portugal comece por um triunfo a sua campanha deste ano. Porque, com tantos jogos a disputar — cinco, pelo menos; seis, talvez! — precisamos de principiar bem. É certo que os espanhóis não gostam de bom começo... Mas nós, graças a Deus somos portugueses — e gostamos de bons princípios...

A nossa selecção apresenta uma inovação e uma semi-inovação. Aquela: a passagem de Rogério para extremo direito; outra: a de Chico Ferreira a médio recuado.



FELICIANO
Defesa esquerdo do Belenenses, que se distinguia especialmente na época transada. 4 desafios internacionais.

VASCO
Defesa direito do Belenenses, e uma revelação moderna do jogo. Elemento de qualidades apreciáveis.

AMARO
Médio direito do Belenenses, de jogo ciente e subtil. Médio de onze vezes internacional.



MOREIRA
Médio-centro do Benfica. Médio de passe. Uma vez internacional.

F. FERREIRA
Médio esquerdo do Benfica, animador e dinâmico. Um dos pilares do 2-3-3 jogado internacionalmente.

SERRAÍM
Médio esquerdo do Belenenses. Jogador subtil mas extraordinariamente rápido. 3 vezes internacional.



ROQUELO
Extremo do Benfica que, pelas suas qualidades excepcionais, se destaca. Elemento de grande classe a jogar internacionalmente.

JESUS CORREIA
Defesa direito do Sporting, de bom caráter e espírito de «goalie». É escolhido pela primeira vez.

ANAUTO
Interior-direito do Sporting. Grande avançado de alto e classe. Quatro vezes internacional.



PEYROTEO
Avançado-centro de Sporting. O maior rematador do nosso futebol. 11 jogos internacionais.

TRAVASSOS
Interior-esquerdo de Sporting. Classe e habilidade naturais. Uma esperança do jogo. Designado pela primeira vez.

CAIADO
Interior-esquerdo de Belenenses. Jogador rápido e bilingue e de bom do bilingue. Um desafio internacional.



ALBANO
Extremo-esquerdo do Sporting. Um jogador que mexe toda a linha, pelo seu dinamismo. Designado pela primeira vez.

BENTES
Extremo-esquerdo da Académica. Elemento de grande qualidades e um dos novos valores de maior destaque. Uma vez internacional.

Manuel Mota
(Continua na página 9).



OS ALGARVIOS VISITAM LISBOA

O Olhanense é, dos clubes da Província que vêm ao Campeonato Nacional, aquele que por vezes dá mais nas vistas. O seu grupo, de feito propenso a desenvolver jogo aguerrido, tem, na história dos resultados da bola, feito verdadeiras surpresas. No seu Estádio Padinha, de Olhão, baqueiam os melhores. A par disto, o Olhanense representa o futebol algarvio e contribui com boa percentagem para a propagação da bola.

Alguns dos seus elementos têm-se destacado por forma a serem convocados para a selecção nacional, como Cabrita, João da Palma, Graziña e João dos Santos.

Esta época o Olhanense aparece-nos da mesma forma interessado em fazer-se notar. No clube continua a registar-se boa vontade e os ânimos estão ligados no sentido de o levarem a melhor progresso.

A primeira vinda do Olhanense a Lisboa aproveitámo-la para sabermos o que se passa no clube campeão do Algarve. O grupo desceu em Lisboa bem disposto. Já Cabrita — a estrela do futebol olhanense — lhe fez companhia, recomposto da lesão que o reteve afastado do contacto com a bola. Vieram todos os mais antigos: Graziña, muito calado e entretido com o seu cachimbo, João da Palma, um algarvio de bôina à espanhola, Abraão, o Loulé, o Eminência e três novos elementos, rapazes da reserva, bom matério.

Com eles D-sidério Hertzka, de novo em Olhão a treinar o grupo, e Manuel Sebastião, o director que desta vez se deslocou a Lisboa.

Foi com ele que trocámos as primeiras impressões acerca do Olhanense.

O Sr. Manuel Sebastião refere-se à dedicação dos olhanenses pelo futebol, observando que:

— De facto, a parte da população que em Olhão se interessa pela bola está ao lado do Olhanense, mas nem todos compreendem ainda que é preciso um pouco mais de solicitude pelo clube, traduzindo essa simpatia na sua inscrição como sócios. Olhão tem uma população de 15 a 20 mil pessoas e o clube tem apenas 2.700 sócios, entre senhoras, rapazes e homens. Se 30% dos habitantes da minha terra fossem sócios do clube, ele teria uma vida normal e poderia já ter realizado muitos das suas aspirações de interesse associativo. As grandes despesas que o futebol nos traz retardam melhoramentos e ações iniciativas.

O dirigente olhanense fala-nos de um problema que é actualmente o caso n.º 1 com que as direcções dos nossos clubes se debatem.

— O Olhanense faz tudo por cumprir bem a sua missão dentro do desporto nacional. Pelo entusiasmo dos que apreciam e compreendem a causa desportiva e até mesmo pelo interesse regional que o Olhanense representa quanto maior for a sua projecção. Mas a luta

financeira é constante. Este exemplo que lhe vou expor é flagrantíssimo.

«Pensarão resolvê-lo?»

«Mas vejamos o que se passa quanto ao Olhanense.

«Enquanto o meu clube, neste campeonato, se desloca ao Norte seis vezes, esses clubes só uma vez o fazem a Olhão.

«Temos de fazer mais quilómetros, que nos saem caríssimos.

«Em transportes, estamos em manifesto desigualdade. Para jogarmos no Norte, temos de sair de Olhão na 6.ª feira e só lá voltamos, de regresso, no 5.ª feira seguinte.

«Compensações? Nenhuma, visto que não há ainda uma compensação que sirva de auxílio aos clubes que estão nestas condições».

O Sr. Manuel Sebastião continua observando o problema:

— Por outro lado, temos o facto dos onerosos encargos que pesam sobre o desporto.

«Fizemos o jogo com o Vitória de Setúbal, que rendeu 27 contos, cabendo-nos portanto 7. Ainda salvámos a despesa. Mas quando nos deslocamos ao Porto...

«Assim a vida tem de ser difícil e não conseguimos dar ao Olhanense a completa finalidade que desejaríamos. Por exemplo: Enquanto não conseguirmos dotar o clube com um ginásio em condições de desenvolver uma actividade de educação física fora do mundo de trabalho em que vivem os nossos jogadores, não conseguiremos um progresso completo no nosso team. E quantos mais coisas! Quantos!

— Mas, de uma maneira geral, Olhão interessa-se pelo seu clube?

— Há simpatia, mas ainda há muitos indiferentes. No entanto, temos provas de dedicação do comércio e da indústria de Olhão.

— O Olhanense, esta época?

— O Olhanense, esta época, ainda não fez dois desafios com os mesmos nomes. Uma vez por lesões, outras por conveniência de pôr em jogo elementos da reserva, onde temos gente nova, muito aproveitável.

«A não ser o Óscar, que nos veio do Boavista, os novos são todos jogadores da reserva.

— As aspirações neste campeonato?

— Especialmente, desejamos não deixar o público de Lisboa mal impressionado com o Olhanense, visto que a ele e à imprensa da capital devemos os melhores incentivos.

«Procuraremos alcançar uma boa classificação, mas a bola é redonda e às vezes marcha para onde não foi impulsionada.

Fernando Sá

(Continua na página 13)

Cabrita, João da Palma e João dos Santos, três figuras destacadas, passeiam tranquilamente no Rossio

Três guarda-redes trocam impressões, em passeio, por Lisboa: Abraão e Óscar, do Olhanense; e Machado, do Vitória de Guimarães

O grupo dos novos do Olhanense: João, Soares e Januário (da reserva), com Óscar, vindo do Boavista



O Grande Prémio do Natal

alcançou extraordinário êxito

ESTÃO de parabéns o Sporting Clube de Portugal e o nosso colega «A Bola», organizadores do Grande Prémio do Natal, prova pedestre que movimentou muitos milhares de pessoas, atraindo-as às avenidas por onde seguia o percurso ou reunindo-as em incrível multidão no troço final e na Praça dos Restauradores, onde fora instalada a meta.

Esta iniciativa veio preencher uma lacuna no nosso programa atlético, com uma repercussão de propaganda popular que deixa

heróis da corrida e, atrás dele, entraram a curtos intervalos outros competidores de boa qualidade.

Eis a lista e os tempos dos dez melhores, indicando, entre parêntesis, iniciados e populares:

1.º — Américo Guedelhas (I) (Benfica), 10 m. 36.2 s.; 2.º — José Pires (I) (Sporting), mesmo tempo; 3.º — Vitor Baptista (P.) (Arroios), 10 m. 53 s.; 4.º — Guilherme Oliveira (P.) (Brlas), 10 m. 55.8 s.; 5.º — Fernando Barreiros (I) (Benfica), 10 m. 56 s.; 6.º — José Conde (I) (Sporting),



O grupo dos concorrentes ao «Grande Prémio do Natal», na categoria de «populares», no momento da partida

a perder de vista a projecção, contudo já muito interessante, da estafeta Cascais-Lisboa.

As corridas disputadas pela via pública, em condições especiais, são muito apreciadas por todo o Mundo e, para citar apenas os países mais afins, a Espanha e a França, recordemos a importância de que se revestem a célebre Prova Jean Boruin, traçada através das avenidas mais categorizadas de Barcelona; e o famoso Prix Lemmonier, cujos participantes saíam de Versalhes para terminar em Paris, no Bosque de Bolonha.

O Grande Prémio do Natal, com as mesmas características, utilizando a «coluna vertebral» da cidade, alichaçou invulgar triunfo junto da população lisboeta e, para tudo ser bom, proporcionou três excelentes competições desportivas, que empolgaram os acompanhantes pelo seu ardor e surpreenderam pelo seu desfecho.

A prova, destinada aos iniciados e aos populares, na distância de 3.500 metros, do talude do Campo Pequeno aos Restauradores, reuniu sessenta participantes, dos quais apenas desistiram sete.

Para maior entusiasmo do público, a prova transformou-se em formidável duelo Benfica-Sporting, cujos dois melhores representantes lutaram ombro a ombro numa embalagem de 800 metros, durante toda a Avenida da Liberdade; e o benfiquista venceu sobre o fio, pela mínima diferença, como seria vencido um metro antes ou um metro adiante. Unamos os dois rapazes no mesmo aplauso, que bem o mereceram por igual.

O primeiro popular entrou na meta logo a seguir aos dois

10 m. 59 s.; 7.º — Flaviano Rosa (P.) (Argibay), 11 m.; 8.º — António Azevedo (I) (Sporting); 9.º — José Medeiros (I) (Benfica); 10.º — Augusto Silva (P.) (Arroios).

Por equipas, o Desportivo de



Filipe Luis, do Sporting, que venceu com brilho a bela prova pedestre, tendo ao seu lado o consagrado João Silva, do Benfica, classificado em 2.º lugar

Arroios alcançou vitória folgada sobre o Oriental e, nos iniciados, o Benfica bateu o Sporting pela mínima diferença.

Salazar Correia

(Continua na página 19)



Amaro, Moreira e Francisco Ferreira (vendo-se ao lado o treinador Augusto Silva), eis os três jogadores que — tudo o indica — formarão a linha média do Grupo Nacional que defrontará no próximo domingo a Suíça. Pesado fardo recai nos seus ombros!

O 6.º PORTUGAL-SUIÇA

Seleção portuguesa de futebol

Dos treinos para o desafio do próximo domingo...

As fotografias que ilustram este artigo são do treino da selecção portuguesa de futebol efectuado na semana passada, servindo de grupo treinador, com a melhor das boas-vontades, a equipa da Cuf reforçada com Capela, Vasco e Serafim.

Depois da prova do Lisboa-Paris, o seleccionador nacional resolveu dar rumo diferente à linha avançada e introduzir uma sensível alteração na célula média. Praticamente, esta orientação revela-se — colocando Rogério a extremo-direito; e Francisco Ferreira a médio-esquerdo cobrindo o extremo que fica do seu lado.

A sessão efectuou-se no campo relvado de treinos do Estádio Nacional, assistindo cerca de duas mil pessoas. Infelizmente — os resultados não foram tão completos como poderiam ter sido. Passando já por cima da falta de Calado, Pacheco, Bentes e Araújo (e te com a justificação séria de estar lesionado), não compareceu também Rogério, do Benfica.

Certo é tratar-se de duas readaptações: tanto Rogério como Francisco Ferreira já desempenharam, com brilho, as funções que hoje se lhes dão, mas a falta injustificada do avançado do Benfica não permitiu um treino de conjunto completo. No entanto, o quadro traçado para a Seleção parece racional e ser de momento a melhor solução. O Grupo Nacional impressionou agradavelmente, marcou goals e teve lances de beleza.

Os seleccionados encontram-se concentrados no Park Hotel, de Lisboa. **Guarda-redas:** Azevedo e Capela. **Defesas:** Cardoso, Feliciano e Vasco. **Médios:** Amaro, Moreira, Francisco Ferreira e Serafim. **Avançados:** Rogério, Araújo, Peyrcleu, Travassos, Bentes, Albano, Jesus Correia e Calado. Os últimos relookes no Grupo estão a ser dados na semana que decorre.



No último treino da Seleção Nacional, o avançado-centro Fernando Peyroteo linha o pé afinado... Eis um dos seus remates, fortes e colados, tendo ao lado Vasco, do Belenenses, que alinhou no grupo treinador

JOGOS OLIMPICOS de 1948

PORTUGAL *estará presente em* LONDRES!

Desportivamente, o ano de 1947 vai rodear-se de involuntário interesse.

É o ano de preparação intensa para os Jogos Olímpicos de 1948, em Londres. Todo o mundo desportivo encara as suas possibilidades sem querer deixar de nascer o seu nome no número das Nações concorrentes.

A recente reunião promovida pelo Comité Internacional Olímpico em Lausana, constituiu o início dos trabalhos. Outros se seguem. Nessa reunião trataram-se casos de grande importância sobre os próximos Jogos Olímpicos e de uma maneira geral acerca do Olimpismo. Sobretudo a reunião das Federações Internacionais com a comissão executiva do Comité Internacional Olímpico revestiu-se de extraordinária importância em face das várias resoluções tomadas acerca do desporto em todo o Mundo.

Os grandes nomes do desporto e do Olimpismo estiveram presentes, orientando os trabalhos o presidente do C. I. O., Sigfride Edström acompanhado dos sr. Brundage, marquês de Polignac, conde Bonacona e lord Alwerdare, membros do Comité, estando ainda presentes os elementos da Organizadora dos jogos em Londres: lord Burghley, tenente-coronel Brow e Floet.

O Desporto fez-se representado por intermédio das respectivas Federações Internacionais num total de 21 nações.

— Que se pode já dizer dos Jogos Olímpicos de 1948?

Com esta pergunta entramos no gabinete de trabalho do dr. José Pontes, o presidente do Comité Olímpico Português, sempre o mesmo espírito dinâmico, activo ao máximo e uma amizade e camaradagem a toda a prova. Um homem!

E o dr. José Pontes que, na organização olimpica internacional, desfrutava de enorme simpatia, disse-nos alguma coisa:

— Trabalha-se com uma actividade surpreendente no estrangeiro com vista aos próximos jogos.

Acima de tudo, o amadorismo!

Na recente reunião de Lausana—continua o dr. José Pontes— a capital do Olimpismo, sede do C. I. O. e Museu Olímpico, apreciaram-se largamente vários casos. Reforçou-se especialmente a orgânica que fixa e atribuiu ao Comité Internacional, às Federações Internacionais de desporto e aos Comités Olímpicos Nacionais as suas responsabilidades e bem assim as actividades que cada organismo por si devem desenvolver. Nenhum desporto poderá participar nos Jogos Olímpicos se não estiver inscrito na respectiva Federação Internacional que tem de ter o «agrimento» dos Comités Nacionais de cada país, evidentemente, que por sua vez tem de estar inscrito no C. I. O., pois que é o Comité Internacional que com as Federações tratam da parte técnica dos Jogos.

— Sobre amadorismo?

— Resolvem-se por accordo manter intacta as formas básicas da definição de amador. Como às vezes há, nos textos, repetições que podem dar origem a más

interpretações, aqui e além, para as simplificar foi nomeada uma comissão composta por: Abery Brundge (America), Selldrayez (Belgica), Ekelund (Suecia), Müllegg (Suíça) e Hoet (Inglaterra).

— De forma que o amador é?...

— Todo aquelle que assim possa ser considerado pela respectiva Federação, ou seja, nunca ter sido profissional noutro desporto e nunca ter recebido compensações por salários perdidos. É a base de sempre. O ideal olimpico na sua pureza.

Portugal propõe-se organizar a reunião do Comité em 1947

O dr. José Pontes relata-nos depois o que de mais importante se passou nas reuniões de Lausana.

— As reuniões do C. I. O. o problema do olimpismo foi posto com grandessa. Tudo ficou resolvido entre as Federações internacionais e o Comité Internacional.

— A reunião de 1947?
— Será de definitiva preparação dos Jogos. Efectua-se em Estocolmo, em Junho, accedendo aos desejos do príncipe Gustavo Adolfo, como presidente do Comité Sueco e em nome de seu pai, o proprio Rei, um amigo do olimpismo. Compromissos anteriores com a Suecia não deixaram que a reunião se fizesse em Lisboa, ideia que expuz e foi recebida, no entanto com muito agrado.

Outra parte importante das reuniões será a eleição de novos elementos, entre os quais figuram Armand Massard, vencedor dos Jogos Olímpicos de 1912 e Puhud de Mortanges, vencedor do campeonato equestre, nos Jogos de 1926. Apreciaram-se pretensões para organização dos Jogos de 1952: Detroit, Minneapolis, Los Angeles, Helsinki, Atenas, Estocolmo e Lausana.

O programa dos Jogos Olímpicos em Londres

O illustre presidente do Comité Olímpico Português facultou-nos o programa dos Jogos Olímpicos de Londres. Não ainda o definitivo mas a base sobre a qual assentará a grandiosa manifestação do desporto mundial.

Nomes dos mais distintos figuram no Comité organizador, como Bevalin, Lord Portal, Burghley, presidente da Comissão Executiva. Propriamente na Comissão organizadora dos Jogos estão: o célebre Rous, secretario da Federação Inglesa de Futebol; Jack Beresford, que foi remador olimpico, Cowley & Studdert e tenente coronel Bevalin, como secretario geral.

Estão organizadas sub-comissões: Técnica, Alojamentos, Finanças, Transporte, Serviços Medicos, Diversões, Imprensa e Artes.

A maior parte das competições serão no «Wembley Stadium» e no «Empire Pool» para as provas de natação.

Os jogos disputam-se em Julho de 1948, duram 15 dias, mas não haverá provas nos dois domingos deste periodo.

O Estádio está a ser ampliado para 100 mil espectadores e estão em principio organizados os serviços de caminho de ferro e eléctricos subterraneos, os comboios, o onibus e uma grande garagem funcionará perto do Estádio. Serviços especiais de telegrapho asseguram as noticias para todo o mundo e a Imprensa terá uma grande e comoda tribuna. Os vestiarios são perto do Estádio e potentes alto-falantes dão sucessivamente as noticias das provas em francês e inglês.

Os atletas e representantes das nações terão ao seu dispor amplos alojamentos.

No Estádio construí-se uma pista de atletismo com seis faixas, já foi experimentada.

Os encontros de boxe, luta, esgrima, e pesos pesados efectuaem-se na piscina, sobre a qual será colocado um estrado.

O futebol terá a sua participação nos Jogos através de um torneio organizado pela Associação Inglesa, mas só a



A saída de Lausana, o sr. dr. José Pontes, grande animador da ideia do olimpismo, na companhia do sr. Sigfride Edström, presidente do Comité Internacional Olímpico e grande atleta dos tempos antigos. Trata-se de duas figuras importantes!

meta-final e final desse torneio se disputarão no Estádio.

No que segue-se a mesma orientação: um torneio do qual só a final será no Estádio.

As regatas de remo disputam-se em Henley, onde se dão os celebres encontros Oxford-Cambridge.

O ciclismo disputa-se em Herne Hill.

As provas de vela estão indizadas para Torquay, mas pensa-se que sejam ainda mais proximas de Londres.

O tiro é possível que seja em Bisley.

O hipismo será no último dia dos Jogos com a disputa ao Prémio das Nações.

Há ainda o Pentatlo moderno (hipismo, tiro, esgrima, natação, pedestrianismo, em Aldershot. O basquetebol em vários stílios. Ainda a ginastica e a arte olimpica, nas salas de Wembley e na Galeria de Londres, com motivos desportivos.

A chama olimpica será transportada desde as ruínas de Atenas estudando-se a forma da travessia da Mancha, a nado ou em barcos de remos.

Aos jogos só podem concorrer as modalidades que se apresentem com seis inscrições e dos hinos das nações só serão tocados os primeiros acordes.

São obrigatorios nos Jogos as seguintes modalidades: Atletismo, Boxe, Ciclismo, Esgrima, Natação, luta, tiro e artes. E facultativos: basquetebol, hóquei em campo, voo à vela.

Perdram a sua inclusão nos jogos o baseball, tiro ao arco, patinagem, voleibol, tenis de mesa e xadrez.

As datas das reuniões de 1947 em Estocolmo: comissão executiva do Comité Internacional em 14 e 15 de Junho, e depois seguir-se-ão as reuniões com as Federações internacionais de desporto, nos dias 16 e 17 e uma grande reunião em conjunto em 18, 19 e 21.

Portugal?

O dr. José Pontes havia-nos fornecido os primeiros elementos conhecidos acerca dos Jogos Olímpicos de 1948 para os quais Londres se prepara com enorme interesse e entusiasmo.

Mas, não podíamos terminar esta visita ao presidente do Comité português sem uma pergunta, aliás normal.

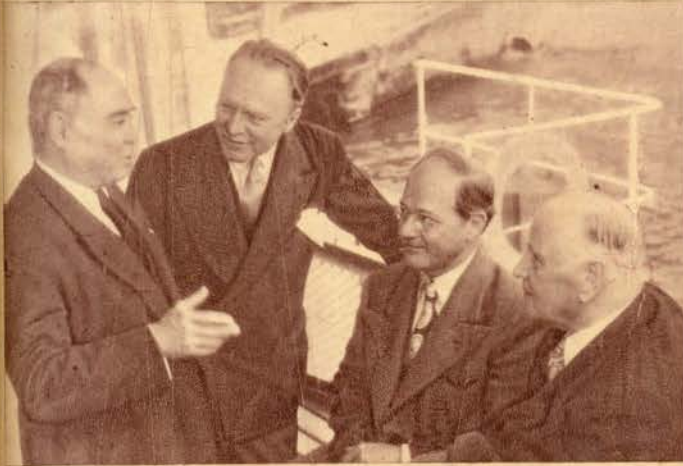
— E Portugal?

A resposta vem pronta e franca.

— Estou convencido que comparceremos em Londres. Tenho pelo menos essa esperança. A tradição obriga-nos à presença. Os nossos esgrimistas foram grandes em 1914 em Paris, em 1928 Amsterdão, em 1936 em Berlim. Os nossos cavaleiros foram maravilhosos em 1924 em Paris, em 1928 em Amsterdão, e em 1936 em Berlim. Os atiradores portugueses nos Jogos de 1924, 1928, e 1932, em Los Angeles e mesmo em Berlim. Os nossos representantes de vela foram sempre corajosos, e dizem-me que estamos fazendo progressos surpreendentes neste desporto. Tenho também boas informações do que se passa no atletismo, na natação e no remo. Espero portanto que todos as Federações compreendam o que representa a participação nos Jogos Olímpicos quando chegar a altura. Se essas mesmas Federações estiverem dentro dos regulamentos olimpico, será para mim um dos dias de grande alegria assinar a respectiva inscrição.

Londres, 1948, os Jogos Olímpicos!

Deixamos o dr. José Pontes, trazendo connosco a viação do que irá ser essa maravilhosa manifestação de desporto.



Em Montreux, os dirigentes olimpico falam de educação física. Cada um em conversa amena, diz o que se passa no seu país. À esquerda o sr. dr. José Pontes na companhia do marquês de Polignac, membro do C. I. O. desde 1914 como representante da França, Aueri Bouraud, da America, e Edström, o actual presidente do Alto Organismo

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

FUTEBOL

EM INGLATERRA

A vigésima jornada do Campeonato das Ligas, realizada no sábado, 21 de Dezembro, permitiu que o *Wolverhampton Wanderers* consolidasse o seu lugar de leader da 1.ª Divisão. Deixou, em Londres, o inconstante *Chelsea*, vencendo por 2-1 com relativa dificuldade.

Liverpool e *Middlesbrough*, seguidores imediatos, ganharam respectivamente a *Aston Villa* (4-1) e ao *Brentford* (2-0), mas *Stoke City* não conseguiu reeditar a brilhante vitória da semana anterior, e empatou com *Blackburn Rovers* (0-0).

Arsenal, também fora de casa, imitou os dois clubes antecedentes, registrando-se com o *Grimsey Town* num nulo sem tentos marcados.

O *Derby County*, apesar da bela parêntese de interiores Carter-Doherty, só conseguiu derrotar o *Leeds United* por 2-1.

Huddersfield, o último classificado da primeira Divisão, conseguiu um honroso empate a 2 tentos com *Sheffield United*.

Colúmbia, vencedor olímpico

No campeonato de futebol dos Jogos Olímpicos da América Central, concluído a 21 de Dezembro, ficou vencedor a Colúmbia, derrotando a *Costa Rica* por 4-2. Mais de 35.000 pessoas presenciaram o desafio, que foi renhido apesar do score registado.

Em 2.º lugar classificou-se o Panamá, vencedor de *Costa Rica* por 2-0, em desafio de resaca. A pontuação final foi a seguinte: Colúmbia, 12; Panamá, 9; Curaçao, 8; Costa Rica, 6; Venezuela, 4; Guatemala, 3; Porto Rico, 0.

Lutando pela supremacia no basquetebol



Realizou-se em Nova York, no Madison Square Garden, o desafio final entre os *Knickerbockers* noviiorquinos e os *Falcons*, de Detroit, para disputa do título de campeão do basquetebol profissional.

A fotografia mostra-nos Leo Gottlieb (9), Ralf Kaplowitz (8), ambos do *Knicker*, e Harold Brown (24), dos *Falcons*, pulando para alcançar a bola no resalto enquanto que Tom King (11) se agacha antecipando-se à jogada.

O resultado do desafio foi um empate

NOTA

DA

SEMANA

Certas facetas da vida desportiva norte-americana representam verdadeiros problemas para a nossa pobre sensibilidade de europeus, aferrados, como andamos, a concepções velhas de intangibilidade irredutível. Um desses aspectos é a interferência preponderante que qualquer individuo pode adquirir, no domínio dos desportos, chegando até a proprietário de colectividade ou a explorador de terceiros e auferindo os lucros provenientes do tal negócio.

O mais curioso da questão afigura-se-nos a afinidade que os artistas do cinema nutrem pela capitalização dos seus rendimentos, investindo-os em empresas desportivas. Estão neste particular Bob Hope, actor cómico bem conhecido do público português e «dono» do famoso grupo de baseball *Cleveland Indians*.

Outro «às» da tela, o arqui-falado Bing Crosby, está nas mesmas circunstâncias em relação ao grupo de *Pittsburgo os Piratas*.

Até Frank Sinatra, a voz exótica que dominou os tímpanos de muita menina à la page (cinematograficamente falando, é claro...), parece ser o manager secreto do pugilista Tami Mauriello, acabado de vencer por Joe Louis.

Outro boxista de cor, Beau Jack, antigo moço de graxa num clube de jogadores de golfe, aristocrático, encontra-se administrado por um sindicato, composto por alguns dos seus antigos fregueses.

Para exemplo e pano de amostra, chegamos perfeitamente os casos referidos.

Disse o presidente Truman, numa comunicação feita aos jornalistas desportivos que o visitaram na Casa Branca, ser de grande utilidade a expansão do desporto para opor um dique à vaga de criminalidade surgida depois da Guerra entre a juventude americana.

A expansão do desporto nos Estados Unidos! Aqui está um paradoxo perfeito...

A menos que o insigne Chefe do Estado da Republica Norte-Americana esteja pensando na expansão do negócio, tal como Hope, Sinatra e o Bing o concebem.

Bastará incluir, nos estatutos das firmas, o dever de exercer funções policiais repressivas fora das horas dos desafios, para conseguir o almejado fim.

E' a única maneira lógica, a nosso ver, de materializar o assunto.

R. B.

públicamente não poder cassar-lhe a «bolsa», como era de justiça.

— Segue brevemente para Inglaterra, onde vai combater com o título deste País, o campeão mundial dos «semi-leves» William Pep. A receita do espectáculo será destinada ao Fundo de Assistência dos Comandos, cujo presidente é o almirante Mountbatten.

Jack Dempsey gravemente enfermo

O antigo e popular ex-campeão do Mundo de boxe, Jack Dempsey, encontra-se lutando agora, e pela segunda vez, contra um ataque de peritonite. Operado de urgência na noite de 22, em Nova York, os médicos mostram-se reservados acerca do resultado definitivo da intervenção cirúrgica.

Oxalá o vencedor de Carpentier, e de tantos outros pugilistas de nomeada, consiga uma vitória rotunda sobre a terrível e ameaçadora Parca.

BOXE

Robinson, novo campeão do Mundo

Effectuou-se na madrugada de 21 de Dezembro, no Madison Square Garden, de Nova York, um combate entre os pretos Ray Robinson e Tommy Bell, para decidir o novo campeão do Mundo dos «semi-médios», título vago por abandono de Marty Servo, antigo detentor.

Depois de 15 assaltos, a que assistiram cerca de 17.000 espectadores, os juizes outorgaram unanimemente a vitória a Robinson, que dominou a contenda, sem sombra de dúvida, a partir do sétimo round. O seu adversário, possuidor de potente golpe, arrojou-o ao solo no segundo assalto e lutou com equilíbrio até quase a meio da distância, mas não pôde manter o terrível andamento imposto pelos ataques de Robinson.

Presentemente, o rival mais sério do novo campeão chama-se Tippy Larkin.

Paco Bueno continua titular

Em Madrid, no Frontón Fiesta Alegre, na presença de milhares de espectadores, Paco Bueno bateu Fidel Arciniega, por pontos, após 12 assaltos de porfiada luta.

Arciniega apresentou-se melhor preparado que noutras ocasiões e tentou esgrimir a distância, mas não logrou vantagem. Mesmo assim, no oitavo assalto conseguiu colocar três golpes certos e fortes, que tiveram *groggy* ao campeão. O timbre salvou Bueno de ir até à lona. O 9.º round foi igualmente difícil, de tal modo que no fim do décimo período a decisão de *match* nulo seria justa.

Nos dois assaltos seguintes, porém, o titular bateu-se com entusiasmo, esgrimindo o necessário para merecer a vitória, que lhe foi concedida pelos juizes.

NA AMÉRICA

Enquanto Joe Louis prossegue no gozo de umas férias prolongadas, aguardando ocasião de medir forças com Elmer Ray, o restante lote prossegue cambiando socos com vária sorte.

Buddy Knox, o irlandês-americano que chegou a figurar entre os dez melhores pesados americanos, foi vencido em 56 segundos pelo chileno Artur Godoy. A Comissão Atlética do Estado do Colorado suspendeu-o em virtude da sua péssima exibição, lamentando

ATLETISMO

Um sueco nos Campeonatos Americanos

Lennart Strand declinou o convite enviado pela Amateur Athletic Union a fim de participar nos próximos campeonatos dos Estados Unidos (em terrenos cobertos), que devem celebrar-se a partir de 21 de Fevereiro na cidade de Nova York.

Em compensação, parece que o seu compatriota Rune Gustafsson aceitou a proposta que lhe foi endereçada.

Strand ganhou a corrida de 1.500 e Gustafsson a dos 800 metros nos recentes Campeonatos Europeus de 1946.

assinem a STADIUM

Começam a definir-se as possibilidades das equipas concorrentes

A quarta jornada do 11.º Campeonato de juniores da A. F. L. ficou assinalada por nova redução no número de encontros que, antes do começo do certame, estava previsto para cada «ronda». A falta de compatibilidade da equipa A do Estoril Praia ao seu encontro contra o Arroios assim o impôs e a circunstância do clube da Costa do Sol ter inscrito duas equipas no campeonato, que provocara satisfação por denunciar boas possibilidades, parece que, afinal, veio a causar embaraços.

Até domingo passado ainda havia duas séries com sete concorrentes. Agora, pensa-se que só uma resistirá às contrariedades que o afastamento voluntário ou forçado deve acarretar aos bons dirigentes e amigos das colectividades.

Felizmente o elevado número de clubes interessados na competição não permite que a desistência do Parede, dos Pupilos do Exército e, agora, talvez, a do Estoril, prejudique o interesse e animação com que o certame está a desenvolver-se.

Ao fim da quarta jornada o horizonte começa a desanuviar-se. E vê-se já que o Palmense e o Sporting A, na 1.ª série, o Oriental A e o Benfica A, na 2.ª série, o Oriental B, na 3.ª, e o Belenenses B, na 4.ª, são equipas capazes de marcar boa posição na prova; que o Futebol Benfica e o Sacavenense valem mais do que há um ano e que os estreantes ou regressados à prova estão dispostos a valorizá-la e colher dela os seus proveitos.

Analisando os resultados da quarta jornada ressalta, imediatamente, a maior eficiência dos avançados e a maior percentagem de marcas a traduzir desígnio de forças. Depois de se terem marcado, sucessivamente, 33, 43 e 31 tentos, em cada jornada, no último domingo chegou-se a 49, ficando a percentagem de golos por desafio valorizada pela circunstância de se

terem efectuado só nove encontros.

A pecha apontada nos dias anteriores aos avançados das várias equipas pareceu atenuada, pois, de uma maneira geral, não pode dizer-se que tenha sido o mau trabalho das linhas defensivas que facilitou a marcação elevada dos tentos.

O «récord» da prova estabelecido na primeira jornada com os 12 0 do Sporting ao Tarujense (o vencedor só reuniu 8 jogadores — é bom lembrar) foi batido pelo 14 0 dos Belenenses B ao Paço de Arcos.

Na primeira série, registaram-se vitórias do Futebol Benfica sobre o Tarujense (4-1) e do Sporting A sobre o Amadora (5-0), ambos por margens de golos que não deixam dúvidas quanto à supremacia dos vencedores.

Na segunda série, o Oriental A confirmou amplamente as suas possibilidades, derrotando o grupo B (7-1). A luta entre o Operário e o Desportivo Operário caracterizou-se por equilíbrio de valores. O Operário venceu (2-1) com o mérito de recuperar o atraso resultante do facto do adversário ter chegado a 1-0.

No terceiro agrupamento houve equilíbrio evidente de forças. Sacavenenses e Belenenses A empataram (0-0), revelando a sua queda pelos empates: os «azuis» contam por «matches nulos» os jogos disputados e os sacavenenses registaram segunda «igualdade». O grupo da C. U. F., por ser menos mau do que o da C. P., obteve sobre os «ferrovários» vitória merecida (2-1). E a equipa B dos «encarnados», de visita a Marvila, infligiu ao Oriental a sua primeira derrota.

Na terceira série, nada há a dizer às vitórias dos Belenenses B e do Atlético, respectivamente, sobre o Paço de Arcos e o Estoril B. Os 14-0 e os 7-0 são concludentes.

Diamantino Dias

Internacionais portuguesas e suíças

(Continuação da página 4)

Mas Rogério tem dois magníficos pés e já fez o lugar; Francisco Ferreira também não estranhará. Actualmente é «terceiro defesa», no centro do terreno e já foi «terceiro defesa» no lado. Por coincidência: contra a Suíça, quando ganhámos, por 3-0, e pela única vez. Pode ser que a repetição do facto nos dê a sorte que noutros jogos com os helvéticos nos tem faltado...

Confiemos nos nossos rapazes. No campo enorme, indiscutível, de Azevedo, o «melhor guarda-redes de todos os tempos», lemos há pouco, e não somos portanto só nós a dizê-lo; na

experiência de Cardoso; na pujança de Feliciano; no saber e características bem portuguesas de Francisco Ferreira.

Confiemos, ainda, nos experimentados Amaro e Moreira, que a métrica de ataque vão ter ensejo de fazer alarde de um pormenor que neles é inexcusável: a entrega da bola aos avançados, já dominada, já pronta a ser jogada, sempre atirada para o melhor sítio.

Confiemos, também, na linha avançada, onde há mocidade, frescura, classe — e «Himalaies» de jeito. Rogério e Araújo, Travassos e Albano. Leitores: lechem os olhos por momentos e lembrem-se do que estes quatro rapazes costumam fazer nos desa-

O S. L. BENFICA

vencendo novamente o Atlético, distanciou-se dos seus adversários

O Sport Lisboa e Benfica, vitorioso do Atlético por 35-29, pode agora encarar com maior serenidade a corrida para o título regional. Por certo lhe pertencerá, e muito justamente, visto que tem dominado em toda a linha os seus adversários.

A equipa do Benfica, ganhando novamente ao segundo classificado, que apenas cederá 2 pontos no primeiro jogo oficial da época, distanciou-se agora com mais 2, com certeza o suficiente para fazer a surpresa.

Com esta derrota, o Atlético fica mais exposto aos golpes do Belenenses, colocado em 3.º lugar e 4 pontos menos que o 2.º e 8 que o primeiro!

Por aqui se vê que na vanguarda já é pequena a margem para modificações de grande valia. Já para baixo, luta-se com muita febre por melhor classificação. A vitória dos carnidenses sobre o Algés (44-41), como a mais recente, entre o Lisgás e a «Cal» (39-35), deixam caminho aberto para tentativas mais esforçadas. Belenenses, «Cal», Sporting, Algés, Lisgás e Car-

nide aproximam-se o mais possível em pontos perdidos, e como principiam agora a segunda volta, ver-se-á ainda alguma coisa de mais interessante.

Quanto ao título — é nossa impressão que nada mais se fará para o tirar das garras do Benfica. O que se desenha, isso sim, é a luta para o segundo e para fugir dos postes lineais. O Belenenses, onde já reapareceu Cele, afastado por lesão num panho, e ainda recebendo o reforço de Laís Neves, parece com bagagem capaz. Veremos, entretanto, como reage o Atlético.

Na categoria de juniores também o S. L. Benfica domina com vitórias bonitas sobre bons adversários. O Lisgás segue os encarnados de perto — estando mais afastado do Sporting. Depois, sem classificação que possa embaraçar o conjunto da vanguarda — Atlético, Belenenses, Carnide, «Cal» e Algés.

Verifica-se por este resumo, que o Benfica trabalhou com certa decisão junto dos seus praticantes. Se lhe somarmos todos os pontos das 3 categorias e de juniores é clara a sua vantagem. Isto quer dizer alguma coisa.

Campeonatos Universitários

A Inspeção do Desporto Universitário da Mocidade Portuguesa vai dar início em meados de Janeiro corrente aos campeonatos das Universidades, primeiro passo para os campeonatos nacionais mas, para Lisboa pelo menos, muito mais interessantes e concorridos do que estes.

Lutam sempre as organizações desportivas académicas com enormes dificuldades resultantes da falta de elementos próprios para lhes dar seguimento; no entanto, com a colaboração das associações escolares e das colectividades desportivas, a Inspeção, impulsivada pelo espírito empreendedor

do Dr. Jorge Oom, tem conseguido melhorar de ano para ano os seus torneios e dar-lhes uma disciplina e regularidade muito apreciáveis.

Na presente temporada surgiram novos embaraços, que em certo momento pareceram insuperáveis, mas a persistência do Dr. Jorge Oom e o apoio do Comissariado da M. P. tudo resolveram, satisfazendo desejos e exigências que tinham seu quê de fundamentado.

As Associações dos estudantes das diversas faculdades, institutos e escolas superiores receberam uma subvenção para compra de material e equipamento, que ultrapassa, na totalidade, as sete dezenas de milhar de escudos.

Recebeu, por esta forma, o desporto universitário uma poderosa ajuda da Inspeção da Mocidade Portuguesa e, se as verbas solicitadas pelas associações escolares eram na realidade indispensáveis para lhes permitir a participação nos campeonatos, forçoso é reconhecer que a sua realização só foi possível mercê do contributo generoso da entidade organizadora; organizadora, de facto, visto que só por seu intermédio conseguiram os estabelecimentos concorrentes obter condições de presença.

Congratulemo-nos por tão expressivas demonstrações de apreço pela actividade do desporto universitário, ao qual é de ambicionar a criação de personalidade que não possui, porque a carência de meios próprios, de independência e de instalações o fazem viver da personalidade alheia

M. M.

Os "leões" emataram bem...



Um quadro aborrecido: a saída de Azevedo, apoiado em Canário, seu colega de equipa

O medio conimbricense Braz evita com oportunidade um avanço leonino

Dois atletas que jogam com se deve: — Peyroteo e Mário Reis. Assim nos merecem um quadro de grande beleza!

Um remate de Peyroteo. No seu estilo característico. Mário Reis segue a bola com os olhos

Peyroteo tem os seus admiradores fieis — moedas que lhe oferece flores, depois do jogo com a Académica



VITORIA do ATLETICO pela tangente



Gregório comanda uma jogada a meio campo



Contra o ataque decidido dos alcantarenses, opõe-se o guarda-redes Baptista

Figueiredo, que ainda é bom jogador, interrompe uma avançada alcantarensense



Ameaçado por Marques, novamente Figueiredo



O guarda-redes elvensê Semedo aplica-se para eliminar uma tentativa de Quaracema

O BELENENSES venceu difficilmente



Patalino ameaça a defesa belenense, mas desta vez não houve perigo para as suas redes



Sob os olhares da sua defesa, Semedo



Henrique antecipa-se a Andrade, ma

do Automovel

Jorge de Seixas

e a nossa página de automobilismo

Começamos hoje a publicar uma página de automobilismo, no desejo de aperfeiçoar dia-a-dia «Stadium» e de satisfazer ao interesse dos nossos leitores.

Tratar-se-á de todos os assuntos, questões e problemas que dizem respeito ao automobilismo, nos seus aspectos mais salientes, como automobilismo desportivo, mecânica, aperfeiçoamento dos veículos e ainda de feições ligadas à especialidade, como questões de trânsito e estacionamento, ou de turismo.

Esta página fica a cargo do distinto técnico, Sr. Jorge de Seixas, personalidade de destaque no meio automobilístico, o qual tem afirmado profundos conhecimentos da matéria. Seguimos, desta maneira, o rumo de progresso que nos propusemos.

Questionários semanais

Tomemos, como campo de prova para este questionário, por exemplo, o troço de estrada entre Cacilhas e Setúbal: — As curvas são constantes e algumas muito más, o desnível é também constante e por vezes conjugado com as curvas, o leito da estrada é bastante mau, com excepção de uns poucos quilómetros recentemente alargados. Como rectas temos a que termina em Azeitão, quando viajamos para o Sul, sendo o trajecto constantemente obstruído ou pelo menos dificultado por camionetas e peões.

Imaginemos agora uma necessidade urgente de fazer o trajecto entre as duas localidades mencionadas, supondo que o leitor possui dois carros, a saber: um de construção americana, moderno e com uma capacidade de motor de 5.244 c. c., e outro de construção europeia recente, com 4.500 c. c.

Pedimos, portanto, aos leitores, para responderem ao seguinte: 1.º, em qual dos dois automóveis fariam o trajecto, considerando bem o que foi dito?

2.º, porque escolhem esse carro? — No próximo número indicaremos os nomes e as soluções dos leitores que melhor tenham sabido responder a este simples problema.

Estabilidade e aderência conforto e velocidade

São estas, a nosso ver, as características que deve reunir um carro destinado a fazer boas médias em percursos mais ou menos longos.

Evidentemente que não pretendemos citar marcas de carros que respondam a estas condições. Limitar-nos-emos a mencionar categorias.

No que diz respeito à estabilidade e aderência, não hesitamos em apontar os carros europeus de «grande turismo» e de cilindrada superior a 2.000 c. c., e muito especialmente três marcas inglesas, quatro francesas, duas alemãs e uma italiana, não havendo nenhum carro de construção americana que se lhes possa comparar.

No que se refere a conforto e velocidade, teremos mais dificuldade

em expor a nossa opinião, porquanto os norte-americanos têm uma concepção de «velocidade e conforto» muito diferente da do estradista europeu, visto que os primeiros não passam dos 90 k. p. h. e o outro excede os 140; os primeiros têm estradas boas e largas, e o segundo estreitas e abauladas. Temos, por conseguinte (a), que o «carro americano de categoria», numa boa estrada norte-americana, nas mãos de um estradista europeu, é confortável mesmo a 140 k. p. h.; (b), o mesmo carro, nas mesmas mãos e à velocidade de 140 k. p. h., numa estrada europeia de 1.ª categoria, deixa de ser confortável para se tornar um «autêntico

(Continua na página seguinte)

DO ESTRANGEIRO

A invasão do JEEP — Este engenho, que tanto tem dado que falar devido às suas características excepcionais, pretende agora competir com os carros utilitários nos mercados europeus? Ou antes, preencher uma vaga? Seja como for, o JEEP nunca será um carro universal, como foi o Ford mod. T.

Primeiro, não é suficientemente confortável, podendo-se até daviar que tenha molas. Segundo, o seu consumo é demasiado elevado, apesar das demonstrações que têm sido feitas para nos convencer do contrário. Terceiro e último, é um engenho que, em mãos menos hábeis, se pode transformar num instrumento muito perigoso.

O tão celebre carro alemão do povo, K. D. F., está a ser produ-

zido na Zona de Ocupação Inglesa, na Alemanha, à razão de 1.000 unidades por mês. O preço de venda é de 150 libras na Alemanha, podendo ser vendido por esse preço na própria Grã-Bretanha, doze meses após ter sido matriculado no país de origem.

Foi recentemente apresentado em Londres um novo modelo de D. K. W., com motor de três cilindros arrefecidos por água. As suas características principais não foram alteradas desde 1940, excepção feita ao motor.

Alfa-Romeo vai apresentar um carro de corridas com um motor «ousado» de 1.500 c. c., 12 cilindros opostos horizontalmente, e desenvolvendo 300 b. h. p. a 9.000 r. p. m. É ainda mantida secreta a sua velocidade.



Um aspecto das grandes corridas de motos do Circuito Montjuich, em que se disputaram os campeonatos de Espanha de várias categorias. Na prova de máquinas de 500 cc., a mais importante de todas que se efectuaram, venceu o catalão Vidal, no tempo de 46 m. e 51 s., à média de 97,664 quilómetros por hora, seguido do castelhano Ortueta que fez 48 m. e 4 s. Os corredores iniciam a emocionante corrida!

ANOTAÇÕES de interesse local

1 Quem suba a Avenida da Liberdade e vire para a rua Alexandre Herculano, em direcção ao Largo do Relo, é obrigado a estacionar provisoriamente num local próprio.

É justamente esse espaço reservado aos que pretemem mudar de rumo, no local referido, que será insuficiente dentro de poucos meses. Limitamo-nos por hoje a mencionar o caso, deixando para outra vez o estudo que dele já fizemos.

2 Quando veremos nós o A. C. P. recomeçar a sua actividade desportiva? Não poderia este clube brindar-nos, pelo menos, com uma prova de «Rampa»? E porque não realizar a do Porlinho da Arrabida na próxima Primavera?

3 Porque será que a Polícia de Viação e Trânsito exerce a sua função só quando se dão encontros de futebol no Estádio Nacional? Será para servir de treino a fim de melhor saber colocar as suas patrulhas nas estradas e aliar à função «repressiva» uma de aspecto «auxiliar e regulador»? É, portanto, tão necessária a sua presença nas encruzilhadas mais perigosas, quanto desnecessária em outros locais.

4 Não seria da maior utilidade que, em certas estações de serviço, garagens e oficinas, a Direcção Geral dos Serviços de Viação montasse um serviço de Informação, pelo qual seria periodicamente informada do mau estado em que se encontrassem certos automóveis e camionetas, no que se refere a travões e direcções?

5 No artigo n.º 150, § 2, do Código da Estrada, lê-se: «Da ocorrência será sempre levantado um auto em que fique detalhadamente descrita a forma como se deu o desastre ou acidente, suas causas, etc., etc.»

Como é levantado esse auto? Julgamos que tanto a inquirição de testemunhas como a verificação de posições, marcas deixadas por travagens bruscas e direitos de prioridade, extensão e natureza das avarias causadas ou dos ferimentos produzidos, servem para elaborar um auto, de que depende, por vezes, o futuro de uma pessoa. Quer quer que seja o critério seguido para se chegar a uma conclusão, é evidente que terá sempre uma influência decisiva, tanto a calma e o poder de observação, como a preparação técnica do agente da autoridade que tomou conta da ocorrência.

Stadium
Desde o n.º 1, 2.ª Série,
cada exemplar, 2\$50

Stadium

O excelente defesa suíço do Chelsea

jogará pelo seu país contra Portugal?

LONDRES, especial para «Stadium», de FERNANDO MENDES

O suíço Steffen jogará contra Portugal no dia 5? Recebemos de Lisboa, por avião, como de resto teria de ser, u na pergunta nesse sentido. É muito difícil responder afirmativamente, porque Londres é Londres, e o atlético defesa do Chelsea não ganhou ainda hábitos brilhantes, aqueles hábitos que também são «defeitos» de jogadores portugueses: — frequentar determinados locais a horas e dias certos...

No entanto, é voz corrente, embora sobre o caso se não hajam pronunciado sectores oficiais, nem a imprensa, ali esta altura, que Steffen não deixará de jogar pelo Chelsea no dia 4, véspera do jogo Portugal-Suíça. Logo, a menos que seja fletado um avião que o transporte a Lisboa, terão os próximos adversários da nossa equipa de contentar-se em alinhar sem o seu ex-conciliado jogador.

Não falta quem suponha que o Chelsea seja capaz de dispensar Steffen por uns dias. As equipas inglesas suportam bem algumas ausências, é verdade, mas o clube londrino tem perdido muitos jogos e não deseja afastar-se das possibilidades de ser considerado, pelo menos, o campeão da Capital. O Charlton e o Arsenal não devem perturbar o simpático clube azul de Tommy Lawton, mas ainda agora se viu o «leaders da classificação» — Wolverhampton, de que faz parte

Westcott — ganhar-lhe no seu próprio campo, embora por escassa diferença (2-1).

Desta vez, Westcott não abateu bendelira, e poderá isto dizer que as suas acções sobem muito em relação a Lawton? Para nós, firmes na mesma opinião, se o avançado-centro do Chelsea dirigisse o conjunto do Wolves, a coisa seria por certo muito feia...

Queste sem dar conta, afastámo-nos do motivo principal deste carta: o caso de Steffen. Podemos dizer que a sua forma é de facto magnífica. Se jogasse em Lisboa pela Suíça, veriam os lisboetas que já o conhecem um Steffen algo diferente, bem encaminhado na escola inglesa, a que se adaptou maravilhosamente.

Não se conta Steffen como um dos grandes pilares de equipas inglesas. Há dias, quando dissemos a um brilhante que nos agradava o jogo do excelente defesa suíço, fez-nos esta observação:

— O Senhor não viu jogar Haggood...

Era de ficar sem resposta pronta. Pois o brilhante amigo, pelos vistos, admirador sincero do antigo grande defesa-arsenalista, desconcertou-nos mais, dizendo:

— Haggood linha o domínio de bola de Matthews, a cabeça de Lawton, o pontapé de Carter... Nunca o grande guarda-rede-Hilbs se importou com as bola

que vinham pelo lado de Haggood...

Claro que, ao elogiar Steffen, não queríamos denegir o valor de Haggood, que não vimos jogar. O desportista Inglês a quem já vamos também por certo nos quis dizer apenas isto.

— Steffen está fora da bitola dos grandes defesas de Inglaterra, ou-vlu?

Acreditamos. Mas se o defesa suíço não jogar contra o nosso grande país, em Lisboa, os helvéticos terão outras dificuldades. Segundo consta por cá, faltam-lhes defesas de grande categoria, no estilo de Minnell. Steffen poderá não ser famoso, mas o Chelsea acellou-o com muito entusiasmo e Lawton é seu bom companheiro...

Seja como for, digamos que não é de acreditar, por agora, na presença do suíço-londrino no Estádio Nacional. Isto (não se julgue o contrário!) em nada inferioriza com certeza a equipa nossa adversária. Os avançados portugueses — que disparem! E que o façam de menela a não deixar dúvidas sobre o valor do nosso futebol, que já por cá se lembra, graças a vilões últimamente conquistadas.

E ludo serve para fazer alicerce. Pensa-se em Londres que o Suíço é sempre um adversário difícil, embora a Inglaterra ilvesse vencido já este ano por 4-1. Mas também ganhou à Bélgica por 7-2 em 1945 e há pouco por 8-2 à Holanda...

Também nós acabamos de saber que o Oriental ganhou ao F. C. do Porto por 6-1. Nunca flando...



TAL COMO A LÂMINA PERSONNA



NO MOMENTO DE SE BARBEAR

Estabilidade e aderência conforto e velocidade

(Continuação da pág. anterior)

podim de geleia», tanto para o passageiro como para quem guia; (c), ainda referindo-nos a «conforto e velocidade», tomemos agora um «automóvel de construção europeia, de categoria», nas mãos de um entusiasta norte-americano e numa estrada do seu país, a 140 k. p. h., e assim teremos, além do conforto a qualquer velocidade, muito maior segurança; (d), com o mesmo tipo de carro europeu, numa estrada portuguesa de 1.ª categoria, nas mesmas mãos (americanas) e à mesma velocidade, este terá muito mais aderência ao chão, regularidade no efeito produzido por uma travagem brusca, maior facilidade de condução e muito melhor comportamento ao passar em velocidade sobre um lombo da estrada, do que qualquer carro norte-americano.

Em resumo, neste caso, um automóvel europeu moderno, de «grande turismo», é mais seguro a 140 k. p. h. numa estrada europeia, do que o «melhor e mais caro» automóvel americano nas maravilhosas estradas norte-americanas, a 110 k. p. h.

«Estabilidade e aderência, conforto e velocidade» é, pois, unicamente igual a «escola europeia».

Como já tive ocasião de fazer as experiências mencionadas em (b) e (d), tendo nós também conduzido os dois carros no mesmo dia, presto-me a repetir a demonstração a quem desejar a confirmação do que acabamos de dizer.

Porque de facto PERSONNA far-lhe-á uma barba com o esmero de um grande barbeiro. [Num instante! Por ser feita com grande precisão e dotada de fio côncavo e flexível, afiada a óleo, assentada no couro e à prova de oxidação... Para maior duração... e grata surpresa dos que a usam.

Distribuidores: José Antunes d'Oliveira, Herd.ª Rua dos Fanqueiros, 346-1.º Lisboa



Stadium Telephone 45903

OS ALGARVIOS VISITAM LISBOA

(Continuação da página 5)

Desidério Herizka, que, no Olhanense, está considerado como um colaborador, disse-nos que está satisfeito com o onze que tem a seu cargo.

— Temos uma formidável reserva de jogadores, mas não temos jogos para os trabalharmos. No team reserva residem, e muito justamente, as esperanças dos olhanenses quanto à futura renovação do seu grupo. Mas, para mantermos essas qualidades, temos de os fazer jogar. E isso é um problema, pois não há campeonatos que sirvam para isso... O actual, destinado aos grupos reservas, dar-nos-á quatro jogos. E' por isso que frequentemente procuramos fazer jogos particulares.

— Que opinião tem do actual team?

— Estou satisfeito. Os-antigos ainda dão o necessário rendimento, e olhe que a maioria anda na casa dos 30. Pouco a pouco vamos intercalando alguns novos. Desses, Janeiro e Soares têm dado boas provas. Na linha avançada há um em destaque: Eminência.

— Julga que dará algum jogador para o grupo nacional?

— Talvez. Cabrita e Palma parecem-me merecedores de serem convocados.

Todos os jogadores nos garantiram a sua boa disposição em colocarem o Olhanense em igualdade com os melhores que surjam na tabela da classificação.

— O Estádio Padinha continuará a ser difícil?

E' Cabrita que responde:

— A dificuldade que todos sentem quando jogam em Olhão vai manter-se neste campeonato. Mas tanto lá como fora do nosso campo, o Olhanense está disposto a dedicada luta desportiva. Podem contar connosco, que nós contamos, entre todos os da equipa, fazer o possível para merecermos a vitória.

Verifica-se que os campeões algarvios estão desejosos de marcarem o seu lugar neste campeonato, que ainda vai no princípio da longa caminhada. Da mesma forma se verifica que há da parte dos seus dirigentes vontade em elevarem o Olhanense a nível de importância no futebol nacional. A prova é que sabem apreciar os problemas que mais de perto os afligem. Eis um clube que sabe o que quer.

F. S.

Jorge de Seixas

O S. Lourenço de Almagro, em Madrid



Baion, o ganhador de Madrid, indigitado para a Seleção Nacional, executa uma defesa a soco, vendo-se Clemente, Corona e Taltavull

Madrid, 31 de Dezembro, especial para «Stadiums», de Ramon Melcon.

O acontecimento desportivo de maior relevo neste mês foi a apresentação em Espanha do onze campeão de futebol da Argentina S. Lourenço de Almagro, capitaneado pelo antigo internacional espanhol Zubietta.

Há muitos anos, dezoito exactamente, que não tínhamos ocasião de presenciar uma exibição de um conjunto sul americano, e como a recordação que uruguaios, argentinos e brasileiros deixaram nos velhos aficionados espanhóis foi excelente, tanto pela sua apurada técnica como pelo brilho das suas combinações, era lógico que se aguardasse esta visita dos campeões argentinos com expectativa poucas vezes ultrapassada.

Com efeito, a equipa americana não desiludiu. O seu jogo agradou muitíssimo em Madrid, lugar onde, até agora, actuou. Preciosissimo puro: passes curtos e rápidos frente às balizas, no estilo da Europa Central, tão diferente do espanhol que se baseia mais nos ataques perpendiculares para as redes e o tiro de qualquer distância e posição.

Os argentinos embriagaram, se se admite o vocábulo, os espectadores com o seu jogo filigranado, em que são verdadeiros mestres, e demonstraram possuir uma técnica extraordinária quanto a domínio de bola, sentido de colocação e passe, e especialmente facilidade na desmarcação afim de receberem com a mínima dificuldade a passagem do companheiro. Frente ao Atlético Aviación, conjunto que marcha à cabeça do campeonato da Liga, os de S. Lourenço luziram toda a gama de fintes, resgates e passagens, e transformaram-se nos donos do terreno, porque os madrilenos não souberam impor o seu jogo, pois que, impressionados desde o começo da partida pela mestria dos adversários, adaptaram-se à sua tática e estilo, no que não podem igualar-se com garantias de êxito. E assim sucedeu que os campeões argentinos saíram vitoriosos por quatro bolas a uma após uma brilhante exibição que convenceu completamente o público e a crítica.

Mas um defeito, e grande, para a nossa maneira de futebol, têm os argentinos: atrain pouco goal, e preferem sacrificar uma boa oportunidade de marcar, para fazerem duas ou três passagens mais desnecessárias, pois todos os seus avançados sabem disparar com força e colocação.

ESTA DESIGNADA EM PRINCÍPIO A SELECÇÃO ESPANHOLA DE FUTEBOL

O jogo de filigranas ultrapassado pelo tiro às balizas!

Isso valeu ao Atlético acabar com o resultado que dizemos, pois, se se tratasse de um adversário de maior poder de realização, o resultado a favor dos visitantes teria sido muito mais avultado. Também é certo que na equipa vermelha-branca faltaram o interior Campos, cuja magnífica forma é a chave dos êxitos atléticos nesta temporada, e o seu defesa Aparicio, firme base da defesa.

Mas no dia 25, data em que o S. Lourenço tinha de defrontar o Real Madrid, as coisas mudaram totalmente. Os brancos, conhecedores do jogo argentino, adoptaram desde o primeiro momento uma tática que inutilizou por completo o seu adversário. Disciplinado e médio-centro, ípina, e da mesma forma os médios-alas e os defesas limitaram-se à tarefa que se lhes havia destinado, não houve um só dianteiro argentino que não encontrasse sempre um homem ao seu lado. E os preciosismos das combinações morriam antes de nascer. E o ataque madrilenos, pelo contrário, rápido e perfurador, abria brechas, e no momento justo do começo marcava o primeiro goal, por acção de Prudén numa tarde de mobilidade e dureza no remate. Depois o mesmo Prudén aumentava a diferença, e por último, Belmar, após brilhante combinação do trio central, colocava um feliz remate num tiro comprido, duríssimo e cruzado que se converteu na terceira bola.

Depois do descanso, o único goal argentino logrado por uma saída em falso de Baion, e o quarto tento de Madrid, feito por Alsúa, de cabeça, ao rematar um canto.

E tudo isto sem que os brancos perdessem nem um instante o domínio no campo, nem deixarem de impor a sua técnica e o seu estilo. Esse estilo profundo e realizador que foi a chave de tantos êxitos espanhóis. Brilhante, sim, o jogo argentino, mas preferimos o nosso, se se põe em prática com a decisão, o entusiasmo e o brio indispensáveis para a conquista da vitória.

Os argentinos jogarão no dia primeiro de Janeiro em Barcelona, defrontando uma selecção nacional, a que servirá de base para formar o onze que enfrentará os portugueses a 26, em Lisboa. Em princípio, Hernandez Coronado designou a Baion, Querejeta. Curta, Gonzalvo III, Fabregas, Gonzalvo II, Epl, Arza, Langars, Herzerita e Gainza. Pretende-se juntar o brio da defesa com a mobilidade da linha média e a agilidade e dureza do trio de ataque. E' quase certo que Querejeta não poderá alinhar, pois no último treino demonstrou não achar-se ainda refeito da sua lesão, e facilmente ser substituído por Clemente, plétórico de faculdades e um franco auge de jogo, moral e físico.

Interessa ver o que esta selecção fará em frente dos de S. Lourenço. Dificilmente ultrapassarão o trabalho desenvolvido pelo Madrid, pois neste primeiro treino notar-se-á a falta de penetração entre os elementos da equipa; mas estamos seguros que o ataque encontrará mais de uma vez oportunidade de modificar o score. Que os cinco artilheiros que formam a avançada têm provado suficientemente a sua facilidade, dureza e prodigalidade de remate, esse sentido que falta nos argentinos e com o qual o grupo de Buenos Ayres seria um dos melhores do mundo.

E agora, passada a febre dos encontros com o S. Lourenço, começa-se a alar de Portugal. O desafio do dia 26, que se tem muito, dado o notável progresso do futebol português, mas que se espera confiadamente, ao mesmo tempo, com a confiança que dá o ver como a equipa de Madrid, com alguns reservas, soube impôr-se, sem violências, mas com energia; sem excesso de filigranas, mas com puro e clássico estilo inglês, de jogo aberto e fácil remate, à mestria, algo peganhosa para os nossos paladares, do futebol sul-americano.

R. M.



Angel Zubietta, antigo médio-direito do Atlético de Bilbao e da Seleção de Espanha, actual capitão da equipa argentina S. Lourenço de Almagro



Campeão argentino de futebol, S. Lourenço de Almagro, que disputou dois encontros no Estádio Metropolitano, respectivamente, contra o Atlético Aviación e o Real Madrid, ganhando o primeiro e perdendo o segundo



O Grupo Desportivo «Os Nazerenos», composto por Américo, Laborinho, Júlio, Parré e Evangelino, no 1.º plano; José Santos, Lopes, Botas, Duarte, Buchigo e Faustino

Stadium

na

Província



O Clube de Futebol «Os Avisenses», formado por João Ferraz, José Gabriel, Manuel Luís Jeremias, José Ferraz, Henrique, Carvalho, António Varela, Peixeiro, Quim e Luís Correia



O grupo de voleibol do Grupo Desportivo da Pena, que tomou parte no campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão: De pé, da direita para a esquerda — José Serra, Gonçalves (árbitro), Correia, Armando Serpa, Alves e Maximino

A Província, como já se tem dito variadíssimas vezes, tem as suas aspirações. Muito justas, no futebol especialmente. Pena é, entretanto, que ainda muito timidamente procure expandi-las, dado o facto de não tentar, por exemplo a realização de jogos entre-regiões.

Quando? — perguntar-se-á. Ora, nas datas disponíveis. Domingo próximo há uma, como se sabe. E, que nos conste, apenas se realizará o Porto-Brago na Capital do Norte. Porque não Coimbra-Aveiro, Portalegre-Beja ou Évora, Setúbal-Faro, Beira Alta-Beira Baixa, Leiria-Santarém?

O futebol, desporto fortemente considerado em todo o País, não daria prejuizo às Associações organizadoras, e por certo se contribuiria deste modo para o estreitamento de relações entre todos os centros provincianos.

Ficaria mais valorizada a acção das Associações — que passaram a época guiando campeonatos ligeiros e pouco indicativos do seu real valor. Se o público mais afastado das zonas de influência das entidades que dirigem o futebol regional quiser dar conta do seu valor, não o saberá, por falta de ponto de referência.

Por exemplo: — conhece-se o exacto valor dos clubes de Viseu? Mas se as Associações regionais se envolvessem em jogos de selecção, talvez não fosse tão difícil. É isto, digna-se o que se disser, tem o seu interesse e contribui para a valorização do futebol.

De selecção em selecção, o jogador aperfeiçoa-se. E hoje contra a região A e amanhã contra a região B, certamente começariam a ser conhecidas as suas possibilidades, com evidente auxilio para os observadores.



Futebol Clube de Malta, de Vila do Conde. No primeiro plano — Noé, Jorge, César, Gouveia e Cerejo; no segundo — Maísto, jovem e habilidoso guarda-redes, Tanisca, Celestino, Mário, Rengel, Beleza (cap.) e o treinador António Oliveira Maia

EM nossas viagens pela Província temos tido oportunidades, magníficas, de escutar o pensamento dos dirigentes dos clubes espalhados pelo país e de sentir o palpitar e os anseios desses colectividades.

A ideia desportiva está definitivamente implantada em Portugal! E já sem custo que, em zonas da Província, mesmo muito rústicas, se conquistam adeptos e praticantes — dia-a-dia formando uma camada cada vez mais numerosa.

O progresso desportivo nota-se em dois pontos característicos: no aumento de praticantes e das modalidades a que os clubes se entregam; e nos melhoramentos introduzidos nas instalações desportivas ou na construção de campos de jogos.

Por toda a parte aparecem terrenos de desporto, e os campos existentes vão sendo beneficiados. A vida desportiva na Província progride — à custa de sacrifícios e dedicações.

Os juniores do Luso Sporting União Serpense: — Benito, Dinho, Ferreira 2.º, Ferreira 1.º e Lérias, no primeiro plano; André, Afonso (treinador), Gato (médico), Arrenhado, Moreno, Lameira, Baião, Buiça, Rações e Rézio



Não se devolvem as fotografias — publicadas ou não. Todos podem enviar os seus trabalhos à nossa Redacção. Tudo quanto for publicável será aproveitado.

O Futebol Clube Alvorense, de Alvor, que tem demonstrado boa categoria



Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

III — A corrida de 400 metros

NUNCA foi prova que registasse elevado número de participantes, esta corrida de 400 metros. Muito dura para quem se apresenta e disputá-la sem a indispensável e rigorosa preparação, assusta todos os atletas que pretendem ensaiá-la em moldes de dilettantismo.

Considerada hoje apenas como uma prova de velocidade prolongada, foi, para os seus primeiros cultivadores portugueses, uma corrida de meio-fundo curto. Assim, nos Jogos Olímpicos Nacionais de 1911, onde, pela primeira vez, se incluiu no programa, o benfiquense Francisco Rocha resultou vencedor no tempo modestíssimo de 1m. 38s., isto porque, dentro da noção da época, a distância se corria em passada, com embalagem final, como actualmente sucede, por exemplo, com os 1.500 metros.

Nesta mesma prova inaugural se classificou em segundo lugar, apesar de haver caído durante o percurso, o «clísta» Armando Cortesão, que, em nosso entender, deve ser considerado o especialista lusitano n.º 1, de todos os tempos; em terceiro lugar, chegou à meta Elzeu de Carvalho, do G. S. Cruz Quebrada.

No ano seguinte, a prova nacional foi ganha por Alexandre Correia Leal, em 58,2s., batendo Salazar Correia por dois metros; a prova foi disputada sem eliminatórias nos piques separados, largando todos os concorrentes em peloão. Os dois classificados abelhoram a toda a velocidade, terminando deslocados dos competidores, que, por certo, os consideraram loucos e pasmaram de os ver chegar à meta.

Na mesma temporada de 1912

celebraram-se os Jogos Olímpicos em Estocolmo e Armando Cortesão correu os 800 e 400 metros. Nesta prova foi excluído na eliminatória.

Muitos anos depois, numa conversa evocativa, o excelente camarada referiu-me as suas recordações; segundo me contou, a pouca sorte quis que fossem seus adversários na série o americano Meredith e o alemão Braun, os quais vieram a ser respectivamente 1.º nos 800 metros e segundo na final dos 400 metros. Todos os outros competidores haviam desistido de correr, tendo a classe dos dois asse, mas Cortesão partiu e disputou palmo a palmo o terreno, sendo batido por escassa diferença e creditado no tempo de 49,8 s.

O seu tempo estará por certo registado nos documentos relativos da Federação Sueca ou do C. O. I., e seria desejável uma diligência do nosso Comité Olímpico para conseguir confirmação oficial. Por minha parte, procurei averiguar, rebuscando documentos, o que a este respeito constava e apenas concluí que deve haver qualquer natural engano de memória, acedível após tanto tempo decorrido, porque Meredith e Braun correram na terceira eliminatória, mas o alemão ganhou em 50,6s., o que anula a possibilidade do tempo indicado por Cortesão.

A época de 1913, a mais anódina deste período activo do atletismo português, confirmou a superioridade de Cortesão, de quem o ausência do nome na lista dos recordistas nacionais constitui um paradoxo e uma injustiça, porque o seu mérito de atleta excepcional lhe valia por legítimo direito o reconhecimento oficial dos tempos

que, por circunstâncias várias, nunca foram homologados.

No campeonato universitário de 1913, na jornada seguinte àquela em que Correia Leal percorreu os 100 metros em 11 s. (recorde nacional reconhecido), Armando Cortesão ganhou os 400 metros em 53,4 s. (13 de Abril), mas, menos feliz do que o seu companheiro de clube, não conseguiu que lhe reconhecessem oficialmente a proeza. Note-se que o recorde dos 100 metros de Correia Leal só foi homologado, mais de um ano depois, pela Federação Portuguesa de Sports Alléticos, quando esteve em cisão o atletismo nacional, e que sancionou por esta forma — de modo um tanto incompreensível — um tempo realizado antes da sua fundação e sob a fiscalização técnica de um organismo do qual era dissidente.

No início de época, no certame organizado pelo jornal «O Mundo» e por iniciativa do saudoso Rui da Cunha, um incidente, que prova bem o espírito da época, privou Cortesão de uma vitória que, na realidade, obtivera. A prova correu-se em linha e, à largada, Salazar Correia tomou a cabeça, levado por Cortesão; aos duzentos metros, este tentou passar e tomou a corda, mas fê-lo precipitadamente, sem o avanço regulamentar, pelo que o adversário tropeçou de encontro a ele, cortando o andamento.

Cortesão adiantou-se e venceu, com a superioridade incontestada da sua classe. O júri, porém, considerou irregular o corte da corda com menos de dois metros de vantagem e desclassificou-o, dando a vitória a Salazar Correia — que não apresentara qualquer reclamação — e o segundo lugar a Armando Sá.

Isto deu azo a uma polémica em «Os Sports Ilustrados», entre Cortesão e Joaquim Vital, membro do júri, que o primeiro acusava de parcialidade. De um lado e outro se adivinham razões, foram buscar-se acontecimentos que nada linham que ver com o litígio e parece, em conclusão, que a falta foi inegável, justificando a desclassificação, mas todos sabem que o corredor do Internacional era adversário lealíssimo e não precisava dela para ganhar, pelo que talvez pudesse ter havido clemência.

Encerrando a actividade do ano, dois únicos homens correram a final do campeonato nos J. O. N., vencendo Correia Leal em 57,2s., seguido por Xavier de Araújo. Cortesão, o terceiro apurado das eliminatórias em que haviam participado apenas seis homens, absteve-se em virtude de serem do seu clube os restantes finalistas.

Em 1914 repeliu-se o concurso Interescolar, mas os resultados fo-



Armando Cortesão, o melhor corredor português de velocidade prolongada, em todos os tempos



A equipa da Faculdade de Medicina, vencedora no célebre concurso inter-escolar de 1913: sentados, da esquerda para a direita, dr. Almeida Dias, dr. Aires de Meneses (falecido), dr. Virgílio Gomes da Silva, A. Gomes da Silva; dr. António Martins e dr. António Cabral, ambos também falecidos. De pé, equipados: dr. Abel Alves, António Stropm (falecido), dr. Gabriel Ribeiro, dr. Salazar Correia, dr. Carlos Fradique (falecido) e dr. Manuel Queirós

rem muito diferentes; a concorrência de atletas foi muito diminuta e a maioria das provas perdeu todo o interesse por falta de competição. Assim sucedeu com os 400 metros, onde apenas alinharam três homens de valor díspar e que regularam o andamento pelo menos veloz; em consequência, Salazar Correia ganhou em 1m. 7s.

Nos Jogos Olímpicos Nacionais, campeonatos da facção filial à Sociedade Promotora de Educação Física, também apenas três homens, todos do Sporting, se inscreveram, vencendo de novo Salazar Correia, sem dificuldades, em 57,6s.

Na prova dos Jogos Sportivos Nacionais, organizados pela nova Federação, a animação foi maior, obrigando a eliminatórias. No final, Francisco Rocha, que envergava já a camisola negra do «Clif», bateu Correia Leal e estabeleceu novo recorde português, com 55,8s.

O campeão conservou o seu título em 1915, último ano do primeiro período oficial do nosso atletismo, mas com o tempo modesto de 58,4s.

O recomeço de actividade allética verificou-se, como referimos nas crónicas anteriores, em 1918 por intermédio do torneio organizado pelo Benfica. Lançado num meio praticamente morto, o concurso reuniu homens sem o necessária preparação física e técnica e

Salazar Correia

(Continua na página 19)



Guilhar antecipa-se a Teixeira, com êxito



Barrigana, decidido, como excelente guarda-redes que é, evita uma entrada de Teixeira



Os campeões
do MINHO
resistiram
briosamente

As mãos de Barrigana projectam-se para a bola, com segurança. Alcino procura estorvá-lo. Guilhar e Joaquim observam...

O BOAVISTA vencitôu em FAMALICÃO



Sansão defende a soco, ajudado por um defesa. Zeca aguarda...



Mota, guarda-redes de Boavista, ante o desespero de Feres, defende um remate raso. Silva segue o trabalho do seu



Antes de principiar o jogo em Olhão, os directores da A. F. Faro e Delegado da D. G. D. entregam as taças aos Campeões Algarvios



Grazina e Oswaldo lutam pela posse da bola



Oscar defende um remate de Bravo

Boa
exibição
dos
campeões
do
ALGARVE

REVISTA DA SEMANA

Uma campanha...

FUTEBOL—Não assistimos ao desejo F. C. do Porto-Vitória de Guimarães. Era de esperar, porém, um jogo rijo por parte dos vimarenenses, mais perto da sua terra e já vencedores do Boavista, no Lima. Vejamos, entretanto, como se pronunciaram dois bons críticos portugueses.

Luis Martins, em «Mundo Desportivo»:

«O grupo F. C. do Porto vai a caminho de uma crise que poderá ser muito perigosa. Não é exagerado pessimismo da nossa parte. Oxalá que nos enganemos; mas, pelo menos, a exibição de ontem foi de mau augúrio para as pretensões e para a manutenção do prestígio do campeão crónico do Porto no Campeonato Nacional».

Alves Teixeira, na «Bola»:

«A equipa do F. C. do Porto mostrou, ontem, exuberantemente que vive numa maré alta de confiança nas suas possibilidades. Sebe lutar—sebe reagir. Não se entrega ao fatalismo. Nesse aspecto, a equipa caminhou muito. Se o grupo, no passado, revelasse um espírito competitivo semelhante à equipa de agora que resultados espantosos teria conseguido!»

ANDEBOL—Continua a disputar-se com regularidade o torneio regional. No domingo verificaram-se os seguintes resultados: Vilanova-Leça, 10-5; Estrela e Vigorosa-F. C. do Porto, 11-8; Académico-Leixões, 9-3; Selgueiros-Boavista, 19-2.

Surpreendente a vantagem do Selgueiros sobre o Boavista, bonitas as vitórias do Académico e do Vilanovense, e normal a do Vigorosa sobre o F. C. do Porto, onde a defesa não corresponde. Notam-se ainda naturais dificuldades na equipa, largo tempo ausente do andebol. O Vigorosa possui actualmente melhor grupo. Sobretudo mais jovem. Porque não aproveite o F. C. P. a ocasião para renovar alguma coisa o seu conjunto?

OQUEI EM CAMPO—O jogo Remaldense-Porto não se concluiu, por decisão do árbitro, e os restantes encontros do campeonato deram o resultado seguinte: Académico-Boavista, 2-1; Estrela e Vigorosa-Académica de Espinho, 1-0; Leixões-L'Air Liquide, 1-1; Sport-Gole, 1-1.

Já lá vai muito tempo sobre um artigo que escrevemos nesta Revista a propósito de jogos internacionais de futebol. Dizíamos então que o Porto, há muitos anos fora do ambiente próprio de tais desafios, olhava entristecido para o facto de não lhe calhar nenhum encontro de boa categoria, e pedia-se um pouco de luz para os olhos de sinceros e fiéis admiradores do popular futebol. Logo nos acompanharam boa imprensa e bons jornalistas. E logo entrou alguma esperança nos corações alborçados desta boa gente da bola, que não pode deslocar-se para o majestoso Estádio do Val do Jamor.

Porém...

... A Suécia não virá a Portugal. O Portugal-Suíça realiza-se de certeza em Lisboa. E ninguém acreditaria, evidentemente, que os encontros com a Inglaterra ou a Espanha viessem a ser jogados no Porto...

Tudo como antes, portanto. Os desportistas portugueses, se quiserem assistir a um jogo «especial», terão de deslocar-se para Lisboa. Infelizmente para eles, julgamos que nem sequer se pensou nessa possibilidade, resultando baldados os esforços ou as lembranças de um ou outro que estremeça a sua terra, seguro das suas tradições ou direitos, conquistados à custa de muitos sacrifícios, sem auxílio estranho.

De vez em quando, isso sim, interessam mais os ambientes

eleiçoeiros que os assuntos desta ordem. Então se movimentam umas tantas figuras de relevo, e então se promovem festas e homenagens «para inglês ver». Claro que o desportista amigo do futebol não se apaixona por esses actos de pura propaganda pessoal, e só abre a boca para lamentar que não lhe sirvam, ao menos de anos a anos, um prato que o estimule e compense a sua boa vontade.

— Não há campos no Porto, dir-se-á. — O Lima, com ligeiras beneficiações, chegaria para um desafio internacional. Para o Portugal-Suíça, se quisessem. Mas tudo é uma questão de «querer», já se sabe.

Consideramos arrumado o caso por este ano. Abrimos a «campanha» com uma lembrança oportuna e justa. Fechamo-la com os lamentos apropriados, e tanto de uma vez como da outra, sem ferir a nenhuma das partes interessadas ou que poderiam dar alguns passos no sentido de servir a capital do Norte e uma larga área desportiva, que sofre igualmente os efeitos da injustiça.

Paciência. Nem por isso deixaremos de considerar que se nos afigura pouco justa a falta de reconhecimento a serviços esforçados. O Porto tem a certeza que os desportistas lisboetas, habituais frequentadores dos jogos, não se surpreenderiam. Mas há quem não queira — como não tem querido outras coisas...

CALMA...

NÃO se sabe bem porquê, há um certo movimento de ansiedade entre os desportistas portugueses. Culpa-se toda a gente, por mais isto e mais aquilo. A chegada do campeão do Norte a S. Bento, depois da viagem a Lisboa, para jogar com o Sporting, as interrogações eram «alarmentes».

— O que se passou? perguntava-se. Ora — o que se teria passado? Coisas naturais do futebol. Coisas que acontecem no Porto, em Lisboa, em qualquer parte...

Os grupos queixam-se. O público também. Os árbitros, da mesma forma. Ao fim e ao cabo, tudo isto afirma que o popular jogo tem adeptos firmes, sinceros, capazes de «dar tudo por tudo».

Logo, é de aconselhar calma. Primeiro aos portugueses desavindos, convencidos da sua «má chance», e pensar por certo em «compensações» que se não justificam, nem estão certas, se apreciarmos tudo isto friamente. Mais do que a outros, neste altura, cumpre à gente da capital do Norte o dever de seguir por bom caminho. — Que importa um incidente a mais no futebol?

Para muita gente, estas coisas são *importantíssimas*. Para nós, apreciadas friamente, lembramos apenas que no futebol sucedem muitos casos iguais. Não deveriam acontecer, é certo. Pois evitemos que, no futuro, tenham repercussão aborrecida.

Não é assim?

CAUSOU certa impressão nesta cidade o relato feito ao jogo Sporting-F. C. do Porto. Alguns desportistas portugueses não esconderam o seu aborrecimento.

Mas não falemos mais nisso...

♦ PARECE estar comprometido qualquer possível intervenção de Calado nas próximas selecções nacionais. O excelente interior do Boavista não obterá licenças com facilidade na casa onde está colocado.

♦ BEM se disse, no último número, que *toda a gente* se movimentou, dentro dos clubes, a fim de impor nova gerência na A. F. do Porto. Adivinha-se facilmente porquê. O decidido propósito de abandonar o por parte de Alberto Brito e Orlando Sousa deve ter dado lugar a este barulho...

Já é tradicional isto, na A. F. P., e a «paz podre» a que esteve submetida fez-lhe mal, com certeza!

♦ ALFREDO, defesa do F. C. do Porto, foi castigado em 2 jogos. Comentário: — o castigo foi sancionado por um adversário, antes do jogo se concluir. O defensor português talvez não possa jogar mais do que os encontros indicados pela F. P. de Futebol...

♦ GOMES DA COSTA tem treinado. Mas a «brincar». O excelente jogador tem saudades da bola... mas à sua maneira. Entretanto, Senfins vai dando boa conta do recado, referindo a Imprensa lisboeta que foi dos melhores portugueses contra o Sporting.

♦ O BOAVISTA não está mal colocado na grande prova. Obteve já duas boas vitórias, e a sua equipa mostra-se disposta a fugir de classificação pouco honrosa, que o ano-passado lhe ia sendo fatal!

♦ VASCO DA GAMA e F. C. do Porto encontram-se empenhados no campeonato regional de basquetebol. Foi sol de pouca dura e vantagem dos azuis brancos, que se rendem sempre, mais tarde ou mais cedo, a melhor classe dos campeões.

Diga-se, entretanto, que o velho e simpático Fluvial, trabalhando cuidadosamente, vai obtendo pontos. A vitória conquistada sobre o F. C. do Porto não surpreendeu extraordinariamente. Havia quem confiasse no seu valor. E fez bem...

♦ POSSÍVEIS jogadores com fibra «internacional», alinhando em clubes do Porto, mostram-se surpreendidos com a sua não chamada a treinos da selecção nacional. Os jornais apontam um elemento do F. C. P., de facto em excelente forma, mas julgamos não ser tarde para os portugueses o verem no grupo representativo de Portugal.

Que todos os bons elementos do Porto procurem progredir sem desanimar. Na altura própria se verá a compensação do seu trabalho, da sua aplicação ao futebol. É por certo o que pensam todos os jogadores briosos, não é isso?

Comentários

O público e o árbitro

O público e o árbitro são, regra geral, dois inimigos irreconciliáveis e o segundo é quase sempre considerado pelo primeiro como um senhor que vai para o meio do terreno, feito desmancha-prazeres, movido apenas pelo propósito de perturbar o jogo ou favorecer interesses. Deve haver, mesmo, muitos espectadores para os quais os partidos decorreriam muito mais a seu gosto sem a intervenção quezilenha do árbitro.

Este é, a mor das vezes, vítima directa das paixões desbocadas; cada uma das suas decisões desagradada sempre a uma facção, das duas que se digladiam, a qual não se inibe de lhe manifestar ruidosamente (quando não pior) o seu protesto ocasional.

Por vezes sucede também — errare humanum est — que o director da partida julga mal, embora de boa fé, um incidente, ou também pode acontecer que lhe escasseie competência ou lhe falta autoridade para dominar os acontecimentos quando estes enveredam por sentido condenável.

Nessas ocasiões intensifica-se o antagonismo com o público e as coisas passam de mal a pior; o árbitro, que suporemos mediocre, torna-se mau pela desorientação crescente gerada nas voas e agravos da assistência.

Existe, portanto, uma exorbitância do legítimo direito de protesto, que belisca as normas exigíveis — mesmo às multidões — de desportivismo e correcção de atitudes. Não pode ser tolerado, doa a quem doer, porque põe em sério risco a dignidade e o prestígio dos espectadores de competição desportiva.

Quando se verificam, por parte do público, desmandos em acios ou linguagem, o Desporto (aquele que merece respeito e se escreve com maiúscula) desaparece do campo, envergonhado.

Contra semelhantes desordens é necessária uma disciplina repressiva e, sobretudo, educativa; procure-se fazer compreender às massas de gente que frequentam os terrenos de desporto quais os seus deveres e até onde chegam os seus direitos, o prejuízo das suas intervenções agressivas — de qualquer forma agressivas — e o descrédito que lançam sobre as organizações do desporto de que se dizem adeptas.

Há uma justiça perfeitamente estabelecida na hierarquia desportiva e só a ela compete julgar e punir. Ninguém pode fazer justiça de represália por suas próprias mãos.

Ano Novo

No ano que hoje principia, numa aurora de esperança que é o reflexo do estado de espírito de toda a humanidade, o desporto português vai também ao encontro de acontecimentos de rara importância, que tanto podem consagrar o apogeu dos seus esforços de expansão e aperfeiçoamento, como vincular o fracasso dos métodos aplicados e a inconsistência das nossas ilusões.

1947, ano pré-olímpico, vai ser mais ainda, em agravamento de responsabilidades, o ano de mais eclética e difícil actividade internacional dentro e fora do País.

Para passar com êxito os sucessivos obstáculos que o ano desportivo nos promete, é indispensável não só a cuidadosa preparação dos desportistas praticantes, como também a acção metódica e intensa dos dirigentes e administradores.

Assumimos, não há dúvida, as maiores responsabilidades de sempre, nomeadamente com a organização solicitada e obtida dos campeonatos mundiais de esgrima e de hóquei sobre patins de rodas.

Para seu integral cumprimento não basta cuidar escrupulosa e rigorosamente da preparação dos nossos representantes; o facto de sermos derrotados, desagradável em si para o nosso brio nacional, não nos comprometeria, no entanto, no conceito das nações nossas hóspedes. Mas uma carência técnica, na organização propriamente dita, seria um fiasco irreparável, e não é tão simples, como poderá parecer, reunir número suficiente de elementos competentes para a constituição dos jurís.

É urgente e cauteloso prepará-los com cuidado.

Por outro lado, o mais popular dos desportos vai sujeitar-se, no decurso da temporada, a severo exame de contra-prova do seu valor. Suíça, Espanha, França, Inglaterra são adversários de temer e não devemos deixar-nos arrastar por excessos de optimismo, que nem os factos autorizam, nem a prudência aconselha.

Ano sério para o desporto português, este que hoje começa. Façamos votos para que nos seja propício, mas não esqueçamos desde já o que diz a sabedoria do povo: «Ajuda-te e Deus te ajudará».

Pedestrianismo

(Continuação da página 6)

Os principiantes e juniores correram cinco quilómetros, partindo do Campo 28 de Maio; a competição foi sempre animada e reuniu um lote excelente de participantes. O Belenenses, que fazia figura de favorito, com a sua representação forte e equilibrada, veio a ser batido pelo Sporting, graças à prova surpreendente dos seus dois melhores homens.

O belenense Rodrigues partiu muito rápido e distanciou-se logo, chegando à Rotunda com cerca de cinquenta metros de avanço sobre Quaresma e Carvalho; teve, porém, desfalecimento tal que se deixou ultrapassar, sendo a seguinte a classificação:

1.º — Fernando Carvalho (Sporting), 16 m. 27 s.; 2.º — Joaquim Quaresma (Sporting), 16 m. 30,8 s.; 3.º — Augusto Ramalho (Belenenses), 16 m. 35 s.; 4.º — José Rodrigues (Belenenses), 16 m. 45 s.; 5.º — Joaquim Branco (Belenenses), 16 m. 48 s.; 6.º — José Araújo (Benfica), 16 m. 49 s.; 7.º — Jaime Martins (Sporting).

Por equipas: Sporting 10 p.; Belenenses, 12 p. e Benfica, 23 p.

Finalmente, na prova dos «ases» registou-se a grande surpresa da jornada, pois os dois favoritos conheceram o amargo da derrota, um deles — Afonso Marques — provando estar completamente fora de forma, o que não deve causar surpresa se pensarmos que está cumprindo em Caldas da Rainha o seu serviço militar.

ATLETISMO

(Continuação da página 16)

Os resultados foram fracos; requisi-mo, o dos 400 metros, pela dureza característica da prova, sendo vencedor o benfiquista Artur dos Santos, no tempo quase incrível de 1 m. 25,4 s.

Com a persistente boa vontade do clube organizador, o atletismo foi conquistando novos adeptos e a sua classe foi melhorando. No entanto, os especialistas da distância que nos ocupa tardaram em aparecer, pois em 1919 a vitória pertenceu ao futebolista Jesus Crespo em 1 m. 3,2 s. e no ano seguinte foi o veterano Correia Leal, de regresso de França, que bateu todos os novos adversários em 57,8 s.

Mais animado foi o concurso de 1921, onde quarenta homens se inscreveram nos 400 metros, dos quais apenas metade compareceu, apurando-se para a final Flaviano Monteiro, Adélino Barata e Mário Santos, todos do Internacional, e o sportinguista Salazar Correla, que regressara também da campanha em Moçambique, e — para lembrar velhos tempos — tivera como adversário, no meta-final, Correia Leal, eliminando-o.

Flaviano foi o vencedor, em 56,8 s., tempo que demonstrá já aprecivel progresso.

O percurso é bastante difícil durante os primeiros quilómetros, no empedrado da Alameda das Linhas de Torres, comportava mais adiante um sério agravamento a subida da Avenida da República após quatro quilómetros de corrida.

Ao chegar ao Campo 28 de Maio já três homens se tinham destacado na vanguarda: Filipe Luis, que sempre comandou, impondo severo andamento, João Silva e o veterano Manuel Nogueira, que se houve como só o pode conseguir um homem da sua classe.

A subida da Avenida da República atrassou Nogueira, que, na Praça do Saldanha, trazia Oliveira e Silva e Afonso Marques a menos de vinte metros.

Ao começar a descida, Filipe Luis atacou as vezes necessárias para descolar, frente ao Hotel Avis, o seu último adversário e abalar para a vitória. Entrou na meta em longa embalagem, muito aquém dos seus recursos.

Classificação: 1.º — Filipe Luis (Sporting), 22 m. 3 s.; 2.º — João Silva (Benfica), 22 m. 10,2 s.; 3.º — Manuel Nogueira (Sporting), 22 m. 29,4 s.; 4.º — Oliveira e Silva (Benfica), 22 m. 40,2 s.; 5.º — Armindo Pereira (Benf.), 22 m. 42,8 s.; Afonso Marques, que pretendia desistir, entrou em 9.º lugar.

Por equipas, o Sporting ganhou ao Benfica por um ponto apenas.

Esta última prova tinha particular interesse porque servia de ensaio de possibilidades a Silva e Marques, em referência à sua prevista participação no Prémio Jean Bouin, que hoje se disputa em Barcelona.

Se João Silva mostrou forma suficiente, ressentindo-se ainda de lesão articular num joelho, de que andava ainda em tratamento, Afonso Marques evidenciou que não está em condições de participar em competição internacional.

A corrida indicou claramente que o melhor especialista do momento é Filipe Luis, que assim ganhou o direito a substituir em Barcelona o seu companheiro de clube.

Isto, se os portugueses chegarem a seguir viagem, o que, no momento em que escrevemos estas linhas, começa a parecer-nos problemático, pois da parte dos organizadores cataleães surgiram já as primeiras dificuldades. Quem ler estas linhas o saberá.

S. C.

Ano V — II Série — N.º 213
Lisboa, 1 de Janeiro de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
Telefone, 45903 - USBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINE DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

S. C.

O BENFICA venceu os sanjoanenses



Boa defesa de Mota, do Sanjoanense. Julinho ainda tentou perturbar a sua acção, mas sem resultado



Desta vez Rogério levou a melhor, contra Mota. Mas este foi arrojado, apesar de tudo, lançando-se aos pés do internacional benfiquista



O guardarede sanjoanense desempenhou-se bem da sua tarefa. Aqui o vemos devolver a soco uma bola alta, apertado por Espirito Santo. O perigo desaparecera.



ANDEBOL Uma fase do jogo Belenenses-Os Treze, para a "Taça Oriental", e que terminou com a vitória do segundo destes clubes por 5-4.